

Banca em Análise

Performance anual do sector em Angola

Outubro 2009

Melhores práticas financeiras
Consolidar o papel da Banca
no desenvolvimento económico

Deloitte.



Investimos juntos. Crescemos juntos.

Angola

Portugal

O Banco BIC assume-se como uma plataforma de apoio às exportações de bens e serviços, aos investimentos nacionais em Angola e como um parceiro privilegiado para os angolanos na gestão do seu património financeiro em Portugal e na Europa.

Banco BIC, SA - ANGOLA

Rua Major Kanhangulo, n.º 212 r/c, Luanda, Angola
Tlf: +244 222 371 227 - Fax: +244 222 395 099
www.bancobic.ao

Banco BIC Português, SA - PORTUGAL

Rua Mouzinho da Silveira, 11/19 - 1250-166, Lisboa, Portugal
Tlf: +351 21 043 89 00 - Fax: +351 21 043 89 90
www.bancobic.pt



BancoBIC
Crescemos Juntos



Referência para a economia angolana

É com enorme prazer que a Deloitte Angola apresenta a 4ª edição do Estudo Banca em Análise, considerado uma referência na análise sectorial em Angola. Com profissionalismo, rigor e isenção, valores fundacionais na cultura Deloitte, consideramos a realização deste Estudo um contributo para um melhor e mais profundo conhecimento do sector bancário angolano.

Agradecemos a todos os *stakeholders* que connosco colaboraram – entidades reguladoras, instituições financeiras e parceiros – na certeza de que uma participação mais ampla e diversificada se reflecte numa maior riqueza da análise apresentada.

Durante o ano de 2008, o sector bancário angolano evidenciou uma performance assinalável, com um crescimento de 59% nos depósitos de clientes e no crédito a clientes. Por outro lado, a rentabilidade e a eficiência do sector saíram reforçadas, cifrando-se a rentabilidade dos capitais próprios médios (ROAE) em 41,9% e o indicador de custos gerais de exploração sobre o produto bancário bruto em 37,7%.

Com o objectivo de melhorar continuamente a análise, a edição deste ano contém os resultados de dois *surveys* realizados junto dos banqueiros angolanos: o *Business & Growth Survey* e o *Finance & Risk Survey*. A sua análise levanta a ponta do véu sobre algumas das prioridades futuras para o desenvolvimento do sector.

À data de divulgação do Estudo são conhecidos os factos e as consequências do tsunami financeiro que varreu os mercados financeiros e os seus actores a nível global, cujas consequências já haviam sido antecipadas na edição do ano passado. Com os efeitos a chegarem à economia real durante 2009, a banca angolana enfrenta agora três grandes desafios:

- Lidar com as alterações estruturais do negócio, designadamente com as alterações ao seu modelo de *funding* e com o crescente impulso regulamentar, bem como com os seus impactos nas operações e na relação com os clientes;
- Gerir a crescente complexidade, ditada por uma necessidade de aumentar a bancarização, mantendo, ao mesmo tempo, níveis de eficiência e de rentabilidade adequados;
- Investir no desenvolvimento do capital humano, estratégico para trilhar um caminho de diferenciação sustentável, característico de empresas fortes e de líderes na indústria de serviços.

Os resultados desta 4ª edição do Estudo Banca em Análise demonstram que o sector financeiro angolano soube encontrar formas de progredir, apesar da crise financeira global. No entanto, os desafios são expressivos e exigem, hoje mais do que ontem, amplitude de visão, rigor na gestão e determinação na acção.

Rui Santos Silva

Country Managing Partner, Deloitte Angola

Luanda, 2 de Outubro de 2009

Propriedade

Deloitte & Touche – Auditores, Lda.

Rua Engº Costa Serrão, nº 13

Luanda • Angola

Tel: (+244) 222 391 808

Fax: (+244) 222 391 972

angola-geral@deloitte.pt

Concepção, redacção, edição,

produção gráfica e pré-impressão

Editando - Edição e Comunicação Lda.

Rua Joaquim Bonifácio, nº21 - 5º

1150-195 Lisboa

Portugal

Tel: (+351) 213 584 460

Fax: (+351) 213 584 461

editando@editando.pt

www.editando.pt

Impressão

IDG - Imagem Digital Gráfica, Lda.

Índice

4



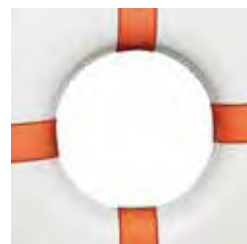
40



62



70



Entrevistas

6 **Confiança no crescimento do sistema financeiro**

A opinião e as perspectivas de doze responsáveis de bancos que operam em Angola

34 **O tsunami financeiro**

O ano de 2007 antecipou o que acabou por acontecer em 2008, o despoletar de uma crise financeira global, cujas ondas de choque não deixaram incólume nenhuma economia, incluindo a angolana.

40 **Banca em Análise Angola 2009**

Preâmbulo e base de preparação do Estudo

Nesta quarta edição do Estudo, para além da análise sobre a evolução do sector e dos diferentes bancos, incluímos os resultados de dois inquéritos efectuados aos bancos relativos às práticas de negócio, financeiras e de risco.

55 **Demonstrações Financeiras dos Bancos**

Inquéritos

64 ***Business & Growth Survey***

70 ***Finance & Risk Survey***

FAÇA COMPRAS, ONDE E QUANDO QUISER

VISA CLASSIC • VISA PRESTIGE

Para que tenha o seu dinheiro bem guardado, mas sempre à mão, o Millennium Angola tem agora à sua disposição os Cartões de Crédito Millennium Angola Visa Classic e Prestige, ambos nas versões para Particulares e Empresas.

Seja para as suas compras do dia-a-dia ou para despesas em restaurantes, lojas ou hotéis, pode utilizar estes cartões em Angola e em mais de 30 milhões de estabelecimentos em todo o mundo, com a segurança e conveniência que a rede Visa lhe proporciona. Além disso, porque há compras que não podem esperar, ainda pode usufruir de um crédito gratuito, de 20 a 50 dias, sempre que precisar.

Vá já a um balcão Millennium Angola e informe-se de todas as vantagens dos Cartões de Crédito Millennium Angola Visa Classic e Prestige.

Millennium
Angola

4751 1234 5678

06/03

VILDERER SILET

**Aceite
em todo
o mundo**
em mais de 30 milhões
de estabelecimentos

**Crédito
gratuito**
de 20 a 50 dias

Prestige

4751 1234 5678 9012

VALID THRU 06/03

VILDERER SILET

VISA

ATM

Millennium
Angola

A vida inspira-nos

Confiança no crescimento do sistema

Para a maioria das instituições bancárias angolanas, 2008 foi um ano de forte crescimento, de resto, em linha com o que aconteceu em 2006 e 2007, e com o crescimento económico que Angola registou nesse mesmo período.

Mas o país não ficou à margem da crise financeira internacional e os seus efeitos não tardaram a ser sentidos em 2009, em particular, a partir do segundo trimestre do ano – uma altura que coincide com a reacção do Governo à quebra das receitas provenientes da exportação do petróleo e à diminuição substancial das reservas internacionais líquidas do país.

O aumento da Taxa da Reserva Obrigatória para 30% e a obrigatoriedade de constituição desta em moeda nacional, resultaram numa redução de liquidez em kwanzas no sistema financeiro e numa redução da rentabilidade dos activos dos bancos comerciais.

Por outro lado, a diminuição da oferta de moeda estrangeira e o estrito cumprimento da Lei Cambial em vigor gerou alguns atrasos na realização de algumas operações.

De acordo com as entrevistas realizadas aos responsáveis de doze dos dezanove bancos que operam em Angola, para 2010 as perspectivas de desenvolvimento do sistema financeiro são optimistas, suportadas no crescimento do país, numa maior flexibilidade da política monetária nacional e no investimento que a generalidade dos bancos vai realizar para aumentar a sua presença em todo o território, para qualificar os seus recursos humanos e para incrementar a eficiência da sua actividade.



financeiro



BAI

Expansão do banco



José de Lima Massano
Presidente da Comissão Executiva
do Banco Africano de Investimentos

O BAI, sublinha José de Lima Massano, presidente da Comissão Executiva, quer reforçar a sua presença nos mercados interno e externo, como resposta directa à perspectiva de retoma mundial e de crescimento nacional.

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008?

Durante o ano de 2008, o sistema bancário angolano manteve o seu sentido de crescimento, continuando a exercer um papel preponderante no apoio ao desenvolvimento da classe empresarial, viabilizando financeiramente projectos nos mais diversos sectores da economia e contribuindo quer para o aumento da capacidade produtiva quer para a criação de novos postos de trabalho.

Na generalidade, a estabilidade de alguns dos principais indicadores macroeconómicos tem permitido o reforço do clima de confiança na economia. Os depósitos captados, por exemplo, registaram um crescimento de 90%, quando comparados com os do ano anterior. A taxa de transformação desses recursos em crédito à economia foi de 70%, ou seja, a mais alta dos últimos quatro anos.

De facto, há percepção de melhoria nos instrumentos de avaliação e de gestão de risco de crédito, pese embora a presença de um quadro jurídico ainda pouco facilitador de registos de titularidade de bens e de resolução de disputas comerciais.

A actividade bancária em Angola tem ainda um longo percurso, mas em 2008 foram dados passos importantes no domínio da adequação da estrutura de capitais ao volume de negócios, modernização e expansão dos serviços bancários.

Um cenário diferente foi sentido já este ano...

Não no sentido da modernização e sofisticação dos instrumentos de gestão, pelo menos no que ao BAI diz respeito. De resto, e como era previsível, em 2009 os efeitos da queda do preço do petróleo no último trimestre de 2008, fizeram-se sentir com alguma intensidade no primeiro semestre deste ano.

O 'arrefecimento' que a economia experimentou nos primeiros seis meses do ano vai, também, ter impacto sobre o crescimento da banca. A redução do ritmo de captação de depósitos, principal fonte de financiamento, condiciona a aprovação de operações de crédito de grande dimensão nos moldes até aqui perseguidos. A rentabilidade da banca há-de ser afectada mas seria prematuro diagnosticar o fim do crescimento célere do sector. O país continua a oferecer oportunidades excepcionais para o desenvolvimento da actividade económica e há, por isso, que reorientar as atenções e adequar as estratégias de crescimento.

dentro e fora de Angola

O crescimento registado pelo BAI em 2008 manteve-se dentro dos valores e dos parâmetros previstos?

O retorno sobre os capitais investidos manteve-se dentro das previsões, bem como o alargamento da base de clientes. Ainda assim, foi excepcional no domínio da captação de depósitos. De facto, o crescimento registado superou as nossas expectativas e permitiu dobrar, em apenas 12 meses, a carteira de crédito concedido.

De que forma a evolução do BAI foi afectada pela crise financeira mundial?

De facto, a crise afectou o acesso a recursos junto da banca internacional e levou à redução da remuneração de depósitos junto dos bancos correspondentes.

Contudo, a actividade internacional do BAI não foi afectada de modo relevante, até porque assenta muito na intermediação de trocas comerciais com Angola, que se mantiveram a bom ritmo, e na oferta de serviços bancários para instituições financeiras.

No caso particular de Cabo Verde, onde abrimos um banco de raiz a 21 de Novembro de 2008, procurámos, essencialmente, apresentar as nossas valências ao mercado local.

Que impactos tiveram as medidas entretanto impostas pelo Governo e pelo Banco Central no funcionamento e crescimento do BAI?

Com o aumento das reservas obrigatórias, o BAI viu-se obrigado a recorrer, de modo imprevisto, ao redesconto, suportando taxas já agravadas pelo Banco Central.

Por outro lado, a regulamentação mais recente do BNA permitiu-nos o cumprimento de uma parte das reservas obrigatórias em títulos, o que desagrava o impacto financeiro dessa medida.

Procurando a manutenção de um nível de conforto das reservas líquidas internacionais e o equilíbrio da balança comercial, o BNA impôs novos limites e novas regras à venda de moeda nas sessões do mercado primário interbancário, o que se repercutiu sobre a capacidade de pagamento de produtos e serviços adquiridos por agentes económicos sobre o estrangeiro. Em alguns casos, ficou afectada a continuidade do ciclo de negócios de clientes, podendo afectar as vendas e o cumprimento de responsabilidades contraídas.

Era expectável que Banco Central endurecesse a sua posição?

O maior rigor no cumprimento da regulamentação do BNA relativa às operações cambiais pode ter tido, como pano de fundo, a necessidade de estancar a diminuição das reservas internacionais líquidas, o que, neste cenário, tinha de acontecer. Até porque a interpretação e aplicação das regras não era uniforme entre os operadores, afectando termos concorrenciais, limitando a compreensão de fenómenos económicos e dificultando, seguramente, a determinação de políticas de correcção pela autoridade cambial.

Como prevê que o mercado angolano venha a evoluir em 2009 e 2010?

No princípio de 2009 as previsões das principais instituições internacionais para o crescimento da economia angolana eram de contracção. No entanto, essas previsões têm-se tornado menos pessimistas e o Governo estima um crescimento do PIB de aproximadamente 6%. Angola continua a ser um país muito dependente da produção e da exportação de petróleo e a evolução do preço deste será o factor determinante no crescimento da economia e dos mercados do país nos anos mais próximos. Várias análises da conjuntura económica mundial concordam que o pior da crise ficará em 2009 e que em 2010 se assistirá ao confirmar da retoma em muitos países, com impacto positivo para a economia angolana. Há perspectivas de maior diversificação da economia angolana e o sector bancário pode beneficiar desse facto. Existe ainda muito espaço para o crescimento do mercado financeiro em Angola e perspectivamos que os bancos a operarem no país tirem vantagem dessa oportunidade, aumentando a sua rede de distribuição e trazendo novos produtos e novas soluções para o mercado.

A confirmar-se esse cenário, qual vai ser o posicionamento do BAI em Angola e no mundo?

O BAI quer manter-se como a referência primeira no fomento da actividade empresarial em Angola. O reforço da capacidade de intermediação financeira vai passar pelo reforço da capacidade de conhecimento, pelo domínio das necessidades dos clientes e pelo desenvolvimento de soluções financeiras capazes de promoverem a realização dos seus objectivos. Continuaremos a promover Angola no exterior, facilitando parcerias e criando novas oportunidades de negócio, mas também contribuindo para o crescimento das economias que nos acolhem.

Caixa Totta

Presença em todas as



Daniel Chambel

Presidente da Comissão Executiva
do Banco Caixa Geral Totta Angola

Com a entrada dos novos accionistas, o Banco Caixa Totta inaugura, de acordo com Daniel Chambel, presidente da Comissão Executiva, uma nova estratégia de expansão, quer ao nível do número de balcões quer da oferta de produtos e serviços dirigidos a novos segmentos do mercado.

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e durante os primeiros meses do ano em curso?

O ano de 2008 foi marcado por uma grande assimetria, em termos económicos, entre a primeira e a segunda metade do ano. O primeiro semestre foi influenciado pela bolha especulativa gerada nas economias ditas desenvolvidas, com o preço da generalidade das *commodities* a atingirem máximos históricos; e um segundo semestre marcado pelo efeito da profunda crise mundial que acabou por atingir inevitavelmente a economia angolana, com o preço do crude a derrapar para níveis que comprometiam a estabilidade económica e os investimentos públicos. Num contexto de fortes quedas das reservas externas líquidas, as autoridades angolanas implementaram, ao longo dos primeiros meses de 2009, um conjunto bem elaborado de medidas que, por um lado, garantiram o financiamento regular da economia angolana e, simultaneamente, a estabilidade cambial do kwanza. Verificou-se desde o final do ano passado uma crescente pressão para a depreciação do kwanza, na sequência da intensificação da conversão de poupanças para aplicações em USD, dada uma atitude de maior precaução dos agentes económicos. Perante a tendência de descida das reservas externas, as Autoridades Monetárias voltaram a aumentar o rácio de reservas obrigatórias exigidas às instituições financeiras, medida esta que nos parece perfeitamente compreensível e ajustada.

O crescimento registado pelo Banco Caixa Totta acompanhou os valores e os parâmetros previstos?

O crescimento do banco foi moderado mas esteve dentro do que era previsível. Hoje, podemos afirmar que o crescimento moderado da carteira de crédito do Banco Caixa Totta nos permitiu assegurar uma posição de liquidez e de solvabilidade, ao mesmo tempo que não deixámos de atender às exigências dos clientes.

De que forma o crescimento e a evolução do Banco Caixa Totta foram afectados pela crise financeira e pela crise económica mundial?

A crise económica mundial teve contornos muito particulares em Angola, em sintonia com as particularidades de um país altamente dependente da economia petrolífera. E, por isso, o maior risco que se apresentou ao sistema financeiro foi a dependência das exportações petrolíferas, que geraram escassez

províncias até 2012

de dólares e afectaram o sistema bi-monetário em que a economia angolana assenta. A contenção do crédito acabou por condicionar a actividade, mas mostrou ser, face à conjuntura, a medida mais acertada.

Que impactos tiveram as medidas entretanto impostas pelo Governo e pelo Banco Nacional de Angola no funcionamento e no crescimento do banco?

A situação controlada que o Banco Caixa Totta apresenta é o resultado de uma gestão conservadora, mas sólida. Continuamos a ser uma das instituições com melhores rácios no sistema bancário de Angola, nomeadamente no que diz respeito à solvabilidade, liquidez, eficiência e capitalização. Ao longo dos anos, a gestão do banco tem-se pautado pelo rigoroso cumprimento da Lei Cambial e Financeira. Nesse sentido, as medidas de política monetária e cambial adoptadas pelo BNA, nomeadamente as que poderão ter provocado algumas restrições no sistema bancário, não se traduziram em maiores dificuldades para os clientes do Banco Caixa Totta, pois estas regras sempre existiram e o banco sempre as cumpriu.

Confesso que até aplaudimos estas medidas, pois elas vão no sentido de defenderem o kwanza, moralizar o sistema e permitir que algumas práticas, eventualmente menos ortodoxas, possam ser minoradas e, se possível, eliminadas. É esta, aliás, uma das principais missões de um Banco Central e mal seria se o BNA não estivesse vigilante na salvaguarda da solidez do sistema bancário e na defesa do valor das poupanças das empresas e dos particulares.

Como prevê que o mercado angolano venha a evoluir em 2009 e 2010?

O ano de 2009 ficará, sem dúvida, marcado pelas medidas de política monetária adoptadas pela Autoridade Monetária, sendo certo que o aumento das reservas de caixa, de 20% para 30%, poderá limitar a actividade bancária, restringir a liquidez e provocar uma desaceleração da economia de forma mais acentuada. Também é verdade que a economia vinha crescendo a um ritmo demasiado elevado no sector da construção privada e da promoção imobiliária, não permitindo, desta forma, libertar recursos para o apoio a outros sectores fundamentais da economia, como sejam a agricultura, a indústria, as pescas e o comércio.

O sistema bancário encontra-se ainda em fase de ajustamento, decorrente das alterações de enquadramento que requerem tempo para adaptação e reorientação de composição de balanços. Pensamos que grande parte destes constrangimentos terão sido ultrapassados em 2010 e, com uma conjuntura externa mais favorável, é expectável que possamos assistir ao relançamento da economia, nomeadamente nos sectores acima referidos.

O período de 2009/2010 será crítico para a afirmação do Banco Caixa Totta? Quais as áreas de negócios estratégicas? Qual é o montante de investimento a realizar no plano de expansão desta 'nova' instituição?

Estamos muito tranquilos quanto ao futuro e muito entusiasmados com o projecto de crescimento que os accionistas nos confiaram. Temos como accionistas de referência a Caixa Geral de Depósitos e a Sonangol, as maiores empresas em Portugal e em Angola, respectivamente. Do capital social fazem ainda parte o 8º maior banco do mundo e o maior banco da Zona Euro, o Banco Santander, para além de dois dos mais prestigiados empresários privados angolanos, António Mosquito e Jaime Freitas.

Por enquanto, somos um banco muito activo no segmento das empresas, mas pretendemos, a prazo, estar mais presentes junto dos particulares e dos pequenos negócios.

O Banco Caixa Totta procedeu recentemente a um aumento de capital de USD 100 MM e será com este reforço que pretendemos vir a estar presentes em todas as 18 províncias de Angola, até ao final de 2012.

Queremos transformar o Banco Caixa Totta numa instituição de referência em Angola, o que irá obrigar a uma aposta muito forte na formação de quadros angolanos.

Banco BIC

Crescimento rápido e



Fernando Teles

Presidente do Conselho de Administração do Banco BIC

Os resultados do Banco BIC em 2008 superaram as expectativas. Fernando Teles, presidente do Conselho de Administração, afirma que o recrutamento de novos quadros, a formação dos recursos humanos e o alargamento da rede de balcões são áreas prioritárias de investimento em 2009.

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e durante os primeiros meses de 2009?

A economia angolana registou um excelente desempenho em 2008, com uma taxa de crescimento do PIB de cerca de 15,6%, tendo o sistema financeiro, como um todo, reforçado o seu peso no Produto. É de salientar que em 2008 os recursos captados de clientes ao nível do sistema financeiro cresceram cerca de 91% face ao ano anterior, enquanto que o crédito concedido à economia apresentou uma percentagem ainda maior, com um crescimento na ordem dos 138%. Estes crescimentos revelam o forte dinamismo da actividade económica, em grande parte explicado pelo processo de estabilização macroeconómica e pelo ambiente favorável para a realização de negócios em Angola.

O crescimento registado pelo Banco BIC acompanhou os valores e os parâmetros previstos?

Podemos dizer com toda a clareza que o crescimento do Banco BIC no ano de 2008 esteve acima dos valores previstos, quer ao nível dos recursos de clientes quer do crédito concedido, tendo o banco cumprido, igualmente, o objectivo de abertura de 20 novas agências, o que o fez atingir, no final do ano, o total de 100 agências e de centros de empresa.

Recordo que o Banco BIC tem um *track record* digno de registo. Tendo iniciado a sua actividade em meados de 2005, foi distinguido em 2008 por uma publicação internacional de referência do sector financeiro (Revista Euromoney) como o melhor banco em Angola, fruto da qualidade dos serviços prestados ao público, bem como pelos resultados obtidos. Ainda em 2008, o Banco BIC consolidou a sua posição de liderança ao nível das operações cambiais, designadamente no mercado primário de compra de divisas.

De que forma o crescimento e a evolução do Banco BIC foram afectados pela crise financeira e pela crise económica mundial?

Ao longo do ano de 2008 os efeitos da crise financeira e da crise económica mundial não afectaram significativamente o crescimento

sustentado

e a evolução do Banco BIC. Não obstante, tal já não veio a acontecer no longo dos primeiros meses do ano em curso.

A descida acentuada do preço do petróleo, que se verificou até à segunda metade do mês de Fevereiro de 2009, teve um impacto fortíssimo no nível das receitas do Estado angolano e, consequentemente, em toda a economia.

A liquidez reduziu-se e, dessa forma, os crescimentos que se verificam nos recursos dos clientes e no crédito concedido estão abaixo dos verificados em 2008. Estes factos conduziram necessariamente a um reforço dos mecanismos do controlo interno em vigor no Banco BIC, designadamente na análise de risco inerente ao processo da concessão de crédito, bem como do estrito cumprimento da legislação cambial.

Que impactos tiveram as medidas entretanto impostas pelo Governo e pelo Banco Nacional de Angola no funcionamento e no crescimento do Banco BIC?

O endurecimento da política monetária levada a cabo pelo Banco Central, em especial o aumento dos coeficientes das reservas obrigatórias e a subida significativa da taxa de redesconto, teve como impacto uma redução da liquidez disponível nos bancos para o exercício da sua actividade.

Por um lado, esta redução da liquidez condiciona o crescimento do crédito concedido à economia; por outro, como as reservas obrigatórias consistem, em grande parte, em activos não remunerados, reduzem a rentabilidade das instituições financeiras.

Quanto às transferências de capitais para o exterior em moeda estrangeira, trata-se de uma reacção lógica por parte do Banco Central, quando, do outro lado, se debate com uma redução significativa das receitas do país em moeda estrangeira, em consequência da descida que se verificou no preço do petróleo. O Banco Central tem como função, entre outras, assegurar a estabilidade cambial e essa só é conseguida com um nível sustentado de reservas em moeda estrangeira no exterior. Nessa medida, todos os bancos devem dar o seu contributo para que este objectivo tenha sucesso. O Banco BIC tem procurado fazer a sua quota parte, razão pela qual

adoptámos medidas muito específicas para reforçar o controlo interno nesta área e para assegurar o estrito cumprimento da Lei Cambial.

Como prevê que o mercado angolano venha a evoluir em 2009 e 2010?

Temos uma visão optimista do futuro. Apesar de reconhecermos que há um conjunto de variáveis exógenas que não é possível ao país controlar, a principal das quais é o preço do petróleo, admitimos que o mercado angolano virá a evoluir positivamente no biénio 2009/2010.

Se observarmos bem, desde Abril de 2009 que o preço do petróleo se mantém acima dos 55 USD por barril. Actualmente, o preço do barril está a flutuar numa banda entre 67 e 73 USD, pelo que acreditamos que temos razões para sermos optimistas.

Perante esse cenário, como é que o Banco BIC vai agir?

O Banco BIC está 'condenado' a crescer.

Acreditamos no futuro, quaisquer que sejam as condições conjunturais de mercado que venhamos a enfrentar. O nosso modelo estratégico coloca-nos numa posição de vantagem face à concorrência e continuaremos com a mesma determinação e dedicação de sempre.

Estão previstos novos investimentos?

Continuamos a expandir a nossa rede de agências, alargando a cobertura nacional para os municípios das diferentes províncias que ainda não beneficiam de actividade bancária. Pretendemos reforçar o nosso quadro de recursos humanos, procurando uma motivação permanente e dotando os mesmos da formação necessária para dar resposta à cada vez maior exigência de eficiência e rigor que se nos coloca.

BESA

Aposta na intermediação



Álvaro Sobrinho
Presidente da Comissão Executiva
do Banco Espírito Santo Angola

Depois da criação do BesaActif em 2008, o BESA aposta na constituição de subsidiárias na área da intermediação financeira. Álvaro Sobrinho, presidente da Comissão Executiva, assume que mais do que ser um banco de retalho, o BESA quer ser líder de um grupo financeiro sólido.

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e durante os primeiros meses de 2009?

Estamos a falar de dois momentos distintos e é necessário separá-los. O ano de 2008 foi de grande crescimento para a economia angolana e, por arrasto, para o sistema financeiro, nomeadamente para a banca. Em 2009, o cenário alterou-se drasticamente em virtude da retracção económica que o país está a viver. No início do ano ainda se registou um ligeiro crescimento relativamente ao período homólogo, mas a partir do segundo trimestre houve, claramente, um abrandamento da actividade bancária. Verificou-se um decréscimo dos depósitos no sistema, o que, por sua vez, provocou uma redução dos negócios bancários.

O crescimento registado pelo BESA acompanhou os valores e os parâmetros previstos?

O BESA em 2008 teve um enorme crescimento, superior a 50%, quer na óptica dos recursos quer do crédito, o que, aliás, esteve em linha com o crescimento registado em 2006 e 2007. É mesmo de assinalar que, apesar da entrada em funcionamento de novas instituições, os cinco maiores bancos angolanos tiveram, em 2008, crescimentos idênticos ao longo dos dois últimos anos.

Já em 2009, e analisando os primeiros três meses do ano, o BESA registou um crescimento muito idêntico ao alcançado no período homólogo, uma situação que se deveu, em parte, aos fortes resultados que o banco teve no segundo semestre de 2008. No segundo trimestre, e contrariando a diminuição da actividade sentida em todo o sistema financeiro, o BESA registou um crescimento dos depósitos na ordem dos 3 a 5%, comparativamente a igual período de 2008. Do lado do crédito, o crescimento não foi tão assinalável, o que revela que houve uma maior precaução e rigor do banco na concessão de novos financiamentos.

De que forma o crescimento e a evolução do BESA foram afectados pela crise financeira e económica mundial?

Os reflexos da crise no sistema financeiro começaram a ser visíveis, sobretudo, a partir do segundo trimestre de 2009. O BESA, como qualquer outra instituição, tem a sua área de gestão do risco e como em

ação financeira

Angola o sistema financeiro é, sobretudo, bancário, o cenário de crise não nos obrigou a tomar medidas excepcionais. Mais afectadas foram a concessão de crédito e as operações de *project finance*, até porque o próprio programa de investimentos público foi recalendrarizado e muitos projectos foram adiados. Aqui sim, registámos uma diminuição da nossa actividade.

Que impactos tiveram as medidas entretanto impostas pelo Governo e pelo Banco Nacional de Angola no funcionamento e no crescimento do banco? Era expectável que o Banco Central endurecesse a sua posição?

Não, não era expectável. As medidas impostas tiveram um forte impacto na actividade bancária, porque, de repente, os bancos viram diminuída a sua capacidade de financiarem a economia e de injectarem liquidez nas empresas. Por outro lado, os leilões do Banco Central foram condicionados pela capacidade do Estado gerar receitas em moeda estrangeira e isso fez com que as transferências para o exterior, que no fundo estavam a ser suportadas pelas operações cambiais, não se efectuassem com a celeridade com que eram efectuadas em anos anteriores, uma vez que a disponibilidade em moeda estrangeira já não é a mesma.

Os bancos vão ter que se habituar a esta nova realidade ou acredita que, passado este período de crise, o BNA volte a rever estas medidas?

Em parte nenhuma do mundo as reservas obrigatórias são estáticas. Têm que se ajustar à dinâmica do mercado monetário e aos indicadores macroeconómicos – como a inflação, as taxas de juro, as taxas de câmbio – os quais dependem em muito da política monetária adoptada e da conjuntura do momento. A crise não será eterna e, portanto, esta rigidez terá de ser flexibilizada. É a lógica do mercado.

Como prevê que o mercado angolano venha a evoluir em 2009 e 2010?

É muito difícil fazer previsões e há muitos factores que podem influenciar o actual cenário. Aliás, qualquer medida que seja tomada ainda este ano irá ter um forte impacto em 2010, pelo que não acredito que neste segundo semestre de 2009 o Governo altere seja o que for.

Em 2010 seguramente que a estratégia de crescimento do Governo influenciará a adopção de uma política monetária mais flexível.

Perante esse cenário, o que é que o BESA vai fazer? Estão previstos novos investimentos?

Ao longo dos últimos anos temos investido fortemente na criação de um sistema de informação, na modernização e na expansão da nossa rede de agências, na criação de canais alternativos de distribuição de produtos. A intenção é a de continuar a investir no reforço da actividade e na expansão do BESA no mercado nacional. Pode parecer uma contradição, face à conjuntura actual, mas 2009 será o ano em que mais agências inauguraremos. Já abrimos cinco e contamos, até Dezembro, inaugurar outras tantas.

O mercado angolano vai crescer no horizonte de médio e longo prazos e, por isso, não podemos parar de investir e de aproveitar as oportunidades. Mais do que um banco de retalho, o BESA quer crescer como um grupo financeiro, motivo pelo qual tem vindo a apostar na criação de subsidiárias na área da intermediação financeira. Já está a operar uma gestora de fundos de investimento mobiliário e imobiliário, a BESAACTIF, acabou de ser autorizada uma sociedade de fundos de pensões e estamos a aguardar a aprovação, pelo BNA, da criação de uma sociedade de *leasing* e de uma sociedade corretora. O BESA irá participar ainda no capital de um novo banco de investimento, o Banco Espírito Santo Investimento Angola, em conjunto com o Banco Espírito Santo Investimento, cujo processo de autorização também já deu entrada no Banco Central.

BFA

Plano de expansão



Emídio Pinheiro
Presidente da Comissão Executiva
do Banco de Fomento Angola

2008 foi um ano de grande crescimento para o Banco de Fomento Angola. As previsões para 2009 não são tão optimistas, mas para Emídio Pinheiro, presidente da Comissão Executiva, o banco mantém os planos de expansão.

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e durante os primeiros meses de 2009?

O ano de 2008 foi marcante em termos de crescimento do sistema financeiro angolano. Os depósitos atingiram um volume de cerca de 28 mil milhões de USD, o que representou um crescimento de 72%, e a carteira de crédito do sistema situou-se nos 22 mil milhões de USD, mais 132% do que no ano transacto. São números que demonstram bem a dinâmica de crescimento que se viveu em Angola em 2008. Em contrapartida, a evolução ao longo de 2009 reflecte o impacto da crise económica na economia angolana, que obrigou à adopção de medidas restritivas, quer no domínio orçamental quer no domínio cambial.

O crescimento registado pelo BFA acompanhou os valores e os parâmetros previstos?

O crescimento do banco acompanha a tendência de elevado crescimento registada no mercado. Os depósitos aumentaram 87% e o crédito 118%. São números que reflectem com clareza a dinâmica do BFA no processo de bancarização e de formalização da economia, assim como no apoio financeiro que tem dado às empresas na realização das suas iniciativas empresariais.

De que forma o crescimento e a evolução do BFA foram afectados pela crise financeira e pela crise económica mundial?

O BFA começou cedo a adaptar a gestão do seu balanço à possibilidade de a economia angolana poder ser afectada pela crise económica mundial, nomeadamente mantendo posições activas bastante líquidas e imprimindo um maior acompanhamento à carteira de crédito. Por isso, quando no início deste ano ficaram mais nítidas as consequências da rápida descida do preço do petróleo ao nível do Orçamento do Estado e das disponibilidades sobre o exterior, e quando as autoridades adoptaram medidas mais restritivas na gestão destes dois agregados, o BFA conseguiu, de modo controlado, adaptar-se aos novos condicionalismos do mercado e aos sucessivos desafios que foram surgindo. Noto que as alterações introduzidas ao longo de 2009 foram muito significativas e tiveram fortes

mantém-se apesar da crise

repercussões no sistema bancário, designadamente o aumento significativo das Reservas Obrigatórias para 30%, as alterações no mercado de dívida pública e o maior controlo às transacções com o exterior, que limitou a actividade cambial de todos os bancos que operam no mercado angolano.

Que impactos tiveram as medidas entretanto impostas pelo Governo e pelo Banco Nacional de Angola no funcionamento e no crescimento do banco?

Houve uma diminuição significativa da actividade económica, em particular face a 2008, e um aumento dos custos da intermediação financeira. Penso que eram dois dos objectivos das autoridades, atendendo à situação difícil a que a economia angolana esteve sujeita, em virtude da quebra das receitas petrolíferas e da consequente diminuição quer do volume de divisas entradas no país quer das receitas dos impostos petrolíferos. Do lado da política monetária e cambial foram adoptadas, fundamentalmente, duas medidas: o aumento das reservas obrigatórias, que diminuíram a liquidez dos bancos e aumentaram os custos de intermediação financeira, como já referi, e as novas regras nos leilões primários de divisas, com diminuição dos montantes oferecidos. Penso que com a normalização da economia angolana em 2010, haverá de novo condições para se flexibilizarem as medidas impostas recentemente.

Como prevê que o mercado angolano venha a evoluir em 2009 e 2010?

O ano de 2009 é, como já referi, um ano marcado pelo abrandamento do crescimento económico e dos agregados financeiros dos balanços dos bancos, assim como por um aumento dos custos de intermediação financeira. A nossa expectativa é a de que as principais variáveis críticas da economia angolana se voltem a equilibrar, ajudadas pela retoma da economia mundial e pelo aumento do preço do petróleo e que assim seja reposta quer a capacidade de importar quer o potencial de investimento do Orçamento do Estado, que é um dos principais elementos dinamizadores da economia angolana.

Perante esse cenário, como perspectiva a actuação do BFA no futuro imediato? Estão previstos novos investimentos?

No essencial, a estratégia de longo prazo do BFA não foi afectada pela crise de 2009. Continuamos a acreditar na economia angolana e no potencial de desenvolvimento do país, pelo que mantemos a linha de crescimento acelerado da nossa rede de agências, o aprofundamento da segmentação e o reforço e a modernização da nossa oferta de produtos e serviços financeiros.

EMEA Finance distingue BFA como Melhor Banco em Angola

O BFA foi considerado o Melhor Banco em Angola pela revista inglesa EMEA (Europa, Médio Oriente e África) Finance, que avaliou o desempenho dos 25 melhores bancos do continente africano. O prémio atribuído ao BFA será divulgado na edição de Outubro/Novembro, a distribuir no Fórum Anual do Banco Mundial e do FMI que este ano de 2009 se realiza na Turquia no início de Outubro.

Neste momento, o BFA está presente em 17 das 18 províncias de Angola e conta com uma rede de distribuição de 120 balcões.

Entre os principais produtos e serviços lançados no último ano destacam-se os cartões de crédito em Kwanzas associados à rede VISA, o BFA Mwangolé Classic e BFA Mwangolé Gold, cuja imagem tem por base duas máscaras Tchokwés (Pensador e Mwana Puó); a campanha Soluções de Poupança BFA e o Plano de Poupança BFA. Lançada já no segundo semestre de 2009, a campanha Soluções de Poupança BFA tem o objectivo de captar recursos e de incutir o conceito de poupança na população, oferecendo, por isso, um leque de aplicações com diferentes prazos e taxas variáveis, de acordo com o montante que se pretende aplicar. O Plano de Poupança BFA, produto totalmente inovador no mercado angolano, prevê entregas periódicas automáticas, planeadas da forma mais conveniente para o Cliente.

Finibanco Angola

Aumenta rede de balcões



António Couto Lopes
Presidente
da Comissão Executiva
do Finibanco Angola

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e durante os primeiros meses de 2009?

O Finibanco Angola iniciou a sua actividade em Junho de 2008. Ao longo do segundo semestre a evolução do sistema financeiro decorreu dentro do esperado. Situação bem diferente do que se verificou nos primeiros seis meses de 2009, período caracterizado pela instabilidade, tendo-se registado duas alterações nas taxas de reservas mínimas de caixa (em Fevereiro de 15 para 20% e em Abril para 30%), tendo sido suspensos os leilões de TBC e colocadas restrições na venda de divisas pelo BNA.

Nesse contexto, o crescimento do Finibanco Angola esteve em linha com as expectativas delineadas pela Administração?

O crescimento da actividade, tanto na óptica dos recursos como no que diz respeito à rubrica crédito, esteve acima do que foi programado para o primeiro ano da instituição, pelo que os resultados do Finibanco Angola excederam todas as expectativas.

De que forma o crescimento e a evolução do Finibanco Angola foram afectados pela crise financeira e económica mundial?

Uma vez que o Finibanco Angola é um banco muito recente, a crise internacional não teve qualquer

influência no seu desenvolvimento. Houve, isso sim, necessidade de fazer alguns ajustamentos de natureza procedimental, em consonância com um futuro que se nos apresenta com maiores índices de incerteza.

Que impactos tiveram as recentes medidas impostas pelo Governo e pelo Banco Nacional de Angola no funcionamento e no crescimento do Finibanco Angola?

As alterações de política monetária introduzidas pelo BNA tiveram um grande impacto na acção desenvolvida por todos os bancos. No imediato, pelo seu carácter inesperado, o que levou, momentaneamente, ao aparecimento de excedentes de liquidez provocados pela suspensão dos leilões de TBC (até aí a mais importante fonte de colocação de fundos da banca). Posteriormente, estas medidas levaram ao encarecimento do crédito, devido ao aumento das reservas mínimas de caixa. Também as restrições de acesso às divisas colocadas pelo Banco Central causaram, inicialmente, alguns constrangimentos funcionais, dado que, por várias vezes, os bancos deixaram de dispor de divisas para procederem às transferências que lhes eram solicitadas pelos seus clientes. O Finibanco Angola seguiu uma estratégia de ajustamentos progressivos à nova realidade monetária e hoje a actividade é de crescimento orgânico. Temos três balcões em funcionamento e a perspectiva de abrir outros tantos até ao final do ano. Estamos a caminho dos 50 trabalhadores, dos quais mais de 90% têm nacionalidade angolana.

O Finibanco Angola vai estender a sua actividade a todo o país? Como será financiado esse investimento?

O Finibanco Angola tem projectado continuar com um crescimento orgânico, sustentado no aumento de capital em curso e também pela libertação de fundos gerados pela sua actividade. O plano de alargamento da rede de agências prevê a abertura de balcões em todas as capitais de província e mais seis em Luanda. Independentemente da conjuntura, continuamos a considerar o mercado angolano com grande potencial para o desenvolvimento e o crescimento da actividade bancária.

O primeiro ano de actividade correu bem ao Finibanco Angola. Os resultados obtidos excederam as previsões traçadas, justificando os planos de expansão da rede, afirma António Couto Lopes, presidente da Comissão Executiva.



Uma resposta sempre à mão com a NOSSA Seguros

Venha conhecer as nossas soluções...

Nossa - Nova Sociedade de Seguros de Angola, S.A. • Avenida 4 de Fevereiro, 111 Luanda - Angola
info@nossaseguros.com • www.nossaseguros.com • Tel.: 222 399 909 / 222 399 929 • Fax: 222 399 153

Banco Keve

Procura contínua da



**Amílcar
Azevedo da Silva**
Presidente do Conselho
de Administração
do Banco Keve

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e nos primeiros meses de 2009?

Em 2008 a actividade bancária registou um forte crescimento a todos os níveis, porventura o maior desde 2002. Existiu, no nosso entender, um clima de elevado optimismo e de confiança por parte dos agentes económicos em geral, que acabou por ter um efeito multiplicador sobre o crescimento económico do país. Verificou-se também uma elevada competição entre os bancos para aumentarem os seus negócios e angariarem novos clientes. Este clima modificou-se drasticamente no primeiro semestre de 2009 devido, entre outros motivos, às restrições de venda de moeda estrangeira e à expectativa sobre a desvalorização do kwanza. A nossa percepção é a de que, devido às dificuldades de realização de pagamentos em moeda estrangeira por parte da maioria dos bancos comerciais, a confiança dos agentes económicos em relação à banca em geral ficou seriamente abalada e, ainda hoje, não está totalmente recuperada. Por outro lado, os factores de concorrência entre

os bancos ficaram mais limitados, por exemplo, em função da capacidade de cada banco adquirir divisas nas sessões do BNA. No entanto, as medidas impostas pelo BNA trouxeram também benefícios para a melhoria da concorrência no sector, obrigando ao estrito cumprimento das normas em vigor.

O crescimento registado pelo Banco Keve, quer nos depósitos quer no crédito, acompanhou os valores e os parâmetros previstos?

O crescimento desses dois indicadores ficou bastante acima do previsto. Os depósitos (cujo conceito entendemos que deverá incluir os recursos totais de clientes) tiveram um crescimento, em 2008, de 119%, contra os 60% previstos, ou seja, estamos a falar praticamente do dobro. Por sua vez, o crédito teve um crescimento, em 2008, de 66%, contra os 30% inicialmente previstos. Devido ao elevado crescimento dos depósitos, essencialmente no último trimestre do ano, superior ao do crédito, o rácio do crédito sobre os depósitos situou-se em 61% em Dezembro de 2008, mais baixo do que o verificado em 2007 e próximo da média do mercado em Dezembro de 2008 (67%).

De que forma o Banco Keve foi afectado pela crise financeira e económica mundial?

O banco foi afectado tanto negativa como positivamente. Em termos negativos, por exemplo, pela dificuldade no pagamento das importações de bens e serviços dos nossos clientes, decorrente da escassez de moeda estrangeira em Angola (essencialmente por via da redução das receitas fiscais do sector petrolífero, devido à redução do preço do petróleo nos mercados internacionais, num contexto de limitação da produção devido à quota definida pela OPEP) e pelo aumento dos prazos de pagamento por parte do Estado, particularmente no que diz respeito às obras públicas. Estas dificuldades causaram um importante abrandamento da actividade do banco face ao esperado. Em termos positivos, por exemplo, abriram-se novas oportunidades para financiamento do banco no exterior, designadamente junto de organismos financeiros que actuam a nível internacional e que procuram diversificar a sua carteira de aplicações (de forma a diluir o risco). Estas oportunidades

As tecnologias de informação, a abertura de novas agências, a formação dos colaboradores e o marketing mantêm-se como áreas prioritárias no plano de investimento estratégico para o triénio 2010-2012, sublinha Amílcar Azevedo da Silva, presidente do Conselho de Administração do Banco Keve.

eficiência

também só são possíveis porque o Banco Keve tem a preocupação constante de melhorar os sistemas de gestão de risco, não só com base nas normas do BNA como também nas boas práticas recomendadas a nível internacional para o sector. Por outro lado, e pelo próprio perfil do Banco Keve, a procura da eficiência constituiu uma das bases fundamentais e permanente da nossa organização (é um dos nossos valores) e atravessa todos os seus níveis.

Por isso, independentemente de se verificar um maior ou menor crescimento, continuaremos a procurar a eficiência, em especial com o apoio da área das tecnologias de informação.

Que impactos tiveram as medidas entretanto impostas pelo Governo e pelo Banco Central no funcionamento e no crescimento do Banco Keve? Era expectável que o BNA endurecesse a sua posição?

O BNA tomou, de facto, medidas muito fortes para o sistema bancário, as quais, no seu conjunto, fazem sentido num cenário de rápida redução das reservas internacionais líquidas (entre Novembro e Abril registaram um decréscimo de 40%) e da necessidade de manter a estabilidade macroeconómica.

Por outro lado, o BNA tem demonstrado estar atento ao impacto das medidas quando estas são negativas para o sector: por exemplo, após o aumento das reservas obrigatórias no início de Maio, o BNA tomou no final do mês novas medidas que melhoraram o cálculo das reservas em benefício dos bancos. Ainda assim, é óbvio que as medidas mais limitativas tiveram um impacto negativo para o Banco Keve em termos de rentabilidade, quer pela redução da margem financeira quer pela redução da margem complementar no que diz respeito aos proveitos decorrentes das operações com o estrangeiro.

Como evoluirá o mercado angolano em 2009 e em 2010?

Naturalmente que prevemos um crescimento económico menor do que o verificado em 2008. Julgamos que as projecções do OGE 2009 revisto poderão não ter tido em consideração todos os impactos resultantes da introdução, no primeiro semestre, das medidas de política monetária e cambial, designadamente o impacto sobre os

agentes económicos e, nesse caso, o crescimento da economia poderá ser inferior ao previsto no OGE. Mas a introdução destas medidas também tem o seu lado positivo sobre a economia em geral e o sistema financeiro em particular, pois constitui uma oportunidade para se corrigir o excesso de optimismo que existia até então, por exemplo, exigindo uma mais cuidada selecção dos projectos de investimento ou de expansão das empresas face às reais capacidades de concretização e de pagamento. Para 2010, esperamos uma melhoria na actividade económica.

Perante esse cenário, como vai agir o Banco Keve? Estão previstos novos investimentos? Em que áreas?

O Banco Keve continua a seguir o plano inicial no que diz respeito aos novos investimentos. Consideramos que a conjuntura económica irá melhorar e que temos de manter elevado o nosso nível de competitividade. De acordo com o actual Plano Estratégico Trienal, que vai até ao final do presente ano, e sob o qual são preparados os orçamentos anuais, as principais áreas para que estamos a direccionar os investimentos são, por esta ordem de importância, as tecnologias de informação (principalmente, tendo em vista o aumento da eficiência e o aumento da capacidade de gestão de risco), a abertura de novas agências, a formação dos colaboradores e o marketing. Estamos a começar a preparar o plano estratégico para o próximo triénio e não esperamos alterações significativas relativamente a investimentos prioritários.

Millennium Angola

Consolida presença

O Millennium Angola vai investir 200 milhões de USD na expansão da rede e na criação de mil postos de trabalho nos próximos três anos. O banco liderado por José Reino da Costa tem a maior taxa de crescimento nos depósitos e no crédito concedido no 1º semestre de 2009.



José Reino da Costa
Presidente da Comissão Executiva
do Banco Millennium Angola

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e durante os primeiros meses de 2009?

Não obstante a crise financeira internacional, Angola continua a viver um forte período de estabilidade, criando as condições necessárias para a continuação do esforço de reconstrução e modernização do país. No entanto, a actividade económica abrandou em 2009 devido, essencialmente, à forte queda do preço do petróleo no mercado internacional. Angola tem vindo a diversificar as suas fontes de crescimento, mas ainda permanece muito dependente do sector petrolífero, que representa cerca de 60% do PIB.

A evolução verificada em 2008 ao nível do crédito concedido é reveladora do dinamismo da actividade económica e da consolidação do processo de estabilização macroeconómica, dando assim lugar a um ambiente mais favorável à realização de negócios e ao desenvolvimento dos sectores não extractivos.

Em 2008 e no 1.º semestre de 2009 o sector financeiro angolano tem crescido, acompanhando o crescimento da economia. O mercado vive actualmente um ambiente de concorrência em que se tem verificado uma melhoria da qualidade do serviço prestado aos clientes pela via do aumento do número de balcões e da oferta de novos produtos e serviços bancários (rede Multicaixa, processamento dos cartões de crédito, entre outros).

O crescimento registado pelo Millennium Angola, quer na óptica dos depósitos quer na do crédito, acompanhou os valores e os parâmetros previstos?

Da análise que fazemos dos dados do Banco Nacional de Angola, no 1º semestre de 2009 o Banco Millennium Angola foi das instituições financeiras bancárias com maiores taxas de crescimento, tendo crescido 38% em depósitos e 25% no crédito.

De que forma o crescimento e a evolução do Millennium Angola foram afectados pela crise financeira e económica mundial?

Sendo um banco ainda jovem, foi constituído em Abril de 2006, o Banco Millennium Angola está numa fase de expansão e de investimento, e, por isso, continuou a crescer a um ritmo acentuado. De qualquer forma, em relação ao crédito notou-se uma desaceleração

no mercado

no crescimento, uma maior selectividade na concessão e um agravamento dos *spreads*, por forma a melhor reflectir o aumento do custo do *funding* e do risco.

Que impactos tiveram as medidas entretanto impostas pelo Governo e pelo Banco Nacional de Angola no funcionamento e no crescimento do banco?

O aumento da taxa da reserva obrigatória, inicialmente de 15% para 20% e, posteriormente, de 20% para 30%, bem como a obrigatoriedade de constituição desta integralmente em moeda nacional, resultaram numa redução da liquidez em kwanzas no sistema financeiro angolano e numa redução da rentabilidade dos activos dos bancos comerciais.

Relativamente à actividade bancária em moeda estrangeira, fruto da redução substancial das reservas internacionais líquidas de Angola durante o 1º semestre do ano, o Banco Nacional de Angola viu-se obrigado a intervir no mercado cambial, quer através da oferta de moeda estrangeira quer no que diz respeito às transferências de capitais para o exterior, no âmbito do cumprimento da Lei Cambial em vigor, o que gerou, fundamentalmente, atrasos na realização de algumas operações com impacto no pagamento a fornecedores e a prestadores de serviço estrangeiros.

Era expectável que Banco Central endurecesse a sua posição?

Sim, uma vez que a diminuição das reservas líquidas internacionais (devido à queda acentuada do preço do petróleo no mercado internacional, o que deu origem a uma diminuição das receitas petrolíferas para níveis abaixo do previsto no Orçamento Geral do Estado para 2009) e a restrição da quota de produção imposta pela OPEP tornavam expectável a adopção de políticas mais restritivas. Caso contrário, poderia comprometer-se a manutenção da política de estabilidade cambial.

Como prevê que o mercado angolano evolua em 2009 e 2010?

Estando fortemente dependente das receitas do petróleo, a manutenção do preço do petróleo acima dos 70 USD no 2º semestre de 2009 poderá fazer com que a economia angolana não sofra a contracção do PIB entre 3% e 7,2% prevista pelos Banco Mundial, FMI e OCDE,

podendo mesmo vir a registar um ligeiro crescimento. Para 2010 é expectável que a retoma mundial se materialize, o que terá necessariamente um efeito muito positivo na economia angolana, permitindo-lhe voltar a crescimentos reais de dois dígitos.

Perante esse cenário, como vai agir o Millennium Angola? Estão previstos novos investimentos?

Na sequência do aumento de capital realizado em Fevereiro de 2009, o banco ficou em condições de acelerar o seu plano de negócio. Prevemos um investimento de mais de 200 milhões de USD na expansão da rede de sucursais e a criação de mais de mil postos de trabalho em Angola nos próximos três anos.

Inovação distinguida

O Banco Millennium Angola foi eleito como o *'Most Innovative Bank'* em Angola pela revista EMEA (Europa, Médio-Oriente e África) Finance. O prémio distinguiu "a originalidade e qualidade dos produtos e serviços lançados no mercado em 2009". O desempenho global da instituição e os factores estruturais, como sejam a quota de mercado, o crescimento em classes de produtos importantes, a rentabilidade e a estratégia adoptada, contribuíram também para este importante reconhecimento.

BNI: Banca electrónica para a bancarização



Mário Moreira Palhares
Presidente do Conselho de Administração
do Banco de Negócios Internacional

Consolidada a estratégia de segmentação lançada com a Rede 24 e assegurada a parceria com a Visa, o BNI, presidido por Mário Moreira Palhares, prepara-se para avançar com a criação de uma rede de ATM e POS com produtos Mastercard.

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e durante os primeiros meses deste ano?

A redução da inflação nos últimos anos resultou da estabilidade da moeda nacional no mercado cambial. Recentemente, o Banco Nacional de Angola fez alguns ajustes nos instrumentos de intervenção no sistema financeiro. Estas intervenções obrigaram os bancos a efectuar uma gestão mais prudente e a rever as suas estratégias de crescimento, uma vez que as medidas adoptadas interferem directamente na captação de poupanças e influenciam a liquidez, a operacionalidade e os lucros dos bancos.

Os depósitos totais do sistema continuam a crescer mas, tendo em conta o actual cenário económico, há sinais de abrandamento que indicam que o crescimento não manterá o ritmo de 2008, que registou um crescimento de aproximadamente 107%.

O crescimento registado pelo BNI, quer na óptica dos depósitos quer na do crédito, acompanhou os valores e os parâmetros previstos?

Durante 2008, o BNI continuou a implementar a política de consolidação interna e de posicionamento no mercado dentro dos valores e os parâmetros previstos. Em Novembro de 2008 realizámos um aumento do capital social (USD 55.442). Outro vector importante da nossa acção foi o de actuarmos no mercado com duas marcas distintas (BNI e REDE24) que têm como suporte critérios claros e objectivos de segmentação e diferenciação. Assim, e com base em critérios pré definidos de cobertura do país, temos vindo a abrir mensalmente novas agências do BNI e da Rede Expresso 24, estas últimas para captar clientes no segmento das médias e pequenas empresas e de particulares de rendimentos médios.

A criação da REDE24 é um vector importante na consolidação da estratégia de negócios do banco e constitui uma oportunidade para tomar uma posição forte na crescente bancarização da economia nacional graças ao recurso à banca electrónica e à utilização massiva destes meios de pagamento. Temos como parceiros nesta estratégia a Visa e a MasterCard, tendo esta última certificado para este efeito o banco em Angola.

ca é fundamental da população

Esta estratégia permitiu ao BNI atingir os valores de depósitos e crédito orçamentados no início do exercício de 2008.

De que forma o crescimento e a evolução da actividade do BNI foram afectados pela crise financeira e económica mundial?

É certo que a crise condiciona o desenvolvimento normal da actividade bancária e, consequentemente, os seus resultados. Acreditamos que o futuro próximo vai ser difícil mas continuamos convictos de que com uma estratégia bem definida, dedicação e perseverança, podemos desenvolver e consolidar o Projecto BNI. Traçámos alguns objectivos de organização que nos permitem continuar a aumentar a nossa presença no mercado financeiro angolano, gerindo bem os recursos e analisando bem os riscos que advêm da actual situação financeira.

Que impactos tiveram as medidas entretanto impostas pelo Governo e pelo Banco Nacional de Angola no funcionamento e no crescimento do BNI? Era expectável que Banco Central endurecesse a sua posição?

Podemos dizer que todo o sistema financeiro angolano está num período de ajustamento às medidas impostas pelo Banco Nacional de Angola. Estamos numa fase de adaptação da gestão de activos e passivos ao aumento das reservas obrigatórias, restringindo o crescimento potencial do crédito. Mas no que respeita aos depósitos temos mantido a trajectória de crescimento, sobretudo ao nível da moeda nacional.

Como prevê que o mercado angolano venha a evoluir em 2009 e 2010?

Depois de alguns anos de forte crescimento económico (entre 2002 e 2008) espera-se um certo abrandamento para 2009 e para 2010. A taxa de inflação geral deverá registar um decréscimo para cerca de 12,5% em 2009, segundo o Orçamento Geral de Estado para este ano. Sendo um país exportador de petróleo, Angola ainda beneficiou dos preços altos dessa matéria-prima até sensivelmente metade do ano 2009, o que permitiu registar taxas de crescimento bastante razoáveis, embora inferiores às dos anos anteriores.

Relativamente ao mercado financeiro, as principais taxas de juro reitoras deverão sofrer recuos, dada a necessidade que as Autoridades Monetárias têm de estimular a economia, provendo-a com a liquidez requerida.

Mas, por outro lado, poderá haver redução dos custos de importação, assim como a oportunidade de atracção de capitais que procuram investimentos seguros, dada a incerteza e o risco de alguns activos tradicionais antes privilegiados pelos investidores. Aliando isso às já praticadas políticas fiscal e monetária restritivas, haverá um esforço conjunto e contínuo em prol da estabilização macroeconómica de Angola durante o que resta de 2009 e o ano de 2010.

Perante esse cenário, como é que o BNI perspectiva agir?

Estão previstos novos investimentos?

De que montante e em que áreas?

O BNI continua a apostar na bancarização da população, através da introdução dos meios de pagamento electrónico (cartões), pois em Angola o índice de população com contas bancárias pouco ultrapassa os 5%. Vamos também continuar a investir em tecnologia de informação, na formação de quadros, e, através da parceria com a MasterCard, lançaremos uma rede de ATM e POS com produtos MasterCard. Adicionalmente, iremos continuar a investir na expansão por todo o território nacional da Rede Expresso 24.

TODAS AS VIAGENS
TÊM UM PONTO DE PARTIDA.
NÓS DEFINIMOS
O CAMINHO.



WWW.BPA.AO





BANCO
PRIVADO
ATLÂNTICO

BPA

Consolidar a base dos



Carlos Silva

Presidente do Conselho de Administração
do Banco Privado Atlântico

“Esta necessidade de mercado levou-nos a reforçar os meios internos, a cultura de rigor e de prudência e a cultura de compromisso com o mercado”, afirma Carlos Silva, presidente do Conselho de Administração do Banco Privado Atlântico.

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e durante os primeiros meses deste ano?

Em 2008 o sistema financeiro angolano evoluiu de forma muito positiva, reforçando a tendência de crescimento verificada nos anos anteriores. Qualquer que seja o indicador que se analise – volume de activos sob gestão, volume de financiamento à economia, crescimento de clientes e o número de pontos de venda – verifica-se que este continuou a crescer significativamente em 2008, o que evidencia um sector em franca expansão e profundamente envolvido com o desenvolvimento da economia angolana. A crise internacional provocou, contudo, inevitáveis impactos na economia nacional. A natural correlação entre a performance da economia e o sistema financeiro está a implicar uma redução dos índices de crescimento do sector financeiro em 2009.

O crescimento registado pelo BPA, quer na óptica dos depósitos quer na do crédito, correspondeu aos valores e aos parâmetros definidos no início do ano?

O Banco Privado Atlântico iniciou a sua actividade no final de 2006. O ano de 2007 teve por objectivo consolidar a estrutura interna e a relação entre o BPA e o mercado. Foi um ano em que, mais do que obter volume e resultados, privilegiámos a consolidação da marca, dos nossos valores, dos meios internos, do capital humano, procurando mostrar ao mercado que tínhamos uma forma diferente de o servir.

Em 2008 continuámos no caminho da consolidação da relação com os clientes, diferenciando-nos pela qualidade do serviço de banca relacional profundamente individualizada e estivemos proactivamente presentes em processos de estruturação de operações empresariais, através dos serviços de banca de investimento.

No final de 2008 posicionámo-nos como um banco de referência do sistema financeiro em activos sob gestão, ultrapassando os objectivos que tínhamos estabelecido para o ano em questão.

De que forma o crescimento e a evolução da actividade do BPA foram afectadas pela crise financeira e económica mundial?

Como já referi, não tanto em 2008, mas, sobretudo, no primeiro semestre de 2009, a performance do sistema financeiro angolano não ficou indiferente à crise económica mundial. O BPA também não foi excepção, apesar de manter um rácio de crescimento positivo quando comparado com a média de mercado.

fundos próprios

A crise financeira trouxe alguns impactos relevantes na performance da economia em geral – o que, por um lado, coloca em risco os projectos empresariais que não deram tanta atenção à organização interna e à manutenção de elevados padrões de segurança económica nas suas decisões de investimento, e, por outro, obriga as famílias e os gestores empresariais a uma reflexão sobre os impactos da crise nos seus rendimentos e projectos.

O BPA tem por missão colocar-se como parceiro das famílias e das empresas nas suas decisões de investimento. Temos aproveitado este momento para consolidar as relações com os nossos clientes, muitas vezes posicionando-nos não somente como consultores financeiros mas também como consultores empresariais, assessorando-os na reorganização das suas empresas, na revisão dos seus objectivos de negócio, entre outros aspectos igualmente importantes. Participar na consolidação dos projectos empresariais é para nós um factor chave, porque, para além de nos possibilitar a prestação de um serviço diferenciado e de reforçarmos as relações com os clientes, permite-nos fazer uma gestão mais eficiente dos riscos financeiros.

Posso afirmar que esta crise fez-nos mais fortes. Esta necessidade de mercado levou-nos a reforçar os meios internos, a cultura de rigor e de prudência e a cultura de compromisso com o mercado.

Que impactos tiveram as medidas entretanto impostas pelo Governo e pelo Banco Nacional de Angola no funcionamento e no crescimento do BPA? Era expectável que Banco Central endurecesse a sua posição?

Não se trata do endurecimento de posições. A crise mundial trouxe problemas económicos a Angola com efeitos muito abruptos. Apesar da evolução positiva dos últimos seis anos, somos uma economia ainda fortemente dependente de um produto e importamos a maioria do que consumimos. Por isso, a força da nossa economia também depende de reservas de divisas internacionais fortes. As reservas internacionais foram impactadas pela crise financeira dos mercados internacionais e, sobretudo, foram impactadas pela redução abrupta das receitas de exportação do petróleo, em particular no primeiro trimestre de 2009.

Lê-mos as medidas macroeconómicas decididas pelo Governo e pelo BNA como decisivas para gerir um problema real de defesa das reservas líquidas internacionais.

Estou seguro de que a crise económica já passou pela

fase pior e que as nossas reservas estão de novo a ser repostas para níveis seguros. Acredito que, face a este novo contexto, as Autoridades angolanas terão condições para reduzir progressivamente as medidas excepcionais tomadas neste período, porque as mesmas causam impactos na economia real. Este passo vai permitir voltarmos a ter taxas de financiamento mais reduzidas e vai possibilitar que as transacções na economia real possam fluir de forma mais eficiente.

Como prevê que o mercado angolano venha a evoluir em 2009 e 2010?

Acredito que o último trimestre de 2009 já demonstrará uma tendência geral de crescimento por parte de todos os sectores. Estou muito confiante para 2010, porque prevejo que a economia mundial saia desta crise reforçada e isto trará impactos positivos para a economia angolana. Por outro lado, acredito que vivemos em 2009 um período em que foi notória a dependência da economia angolana de um produto e a dependência das reservas internacionais para a importação de produtos essenciais. Acredito que a experiência vai levar a um reforço do caminho para a consolidação do tecido económico produtivo em Angola e isso criará uma nova base de consolidação e sustentabilidade da economia nacional. O sector financeiro continuará a crescer alinhado com a economia em geral e será, naturalmente, um forte impulsionador deste crescimento económico, contribuindo para a diversificação da estrutura do PIB da nossa economia.

Perante esse cenário, qual vai ser a actuação futura do BPA?

Continuaremos a investir tendo em perspectiva as linhas fundamentais da nossa estratégia, independentemente do que ocorreu no mercado nos últimos meses. Os nossos investimentos vão centrar-se, maioritariamente, na consolidação da nossa base de fundos próprios, porque só com uma base alargada de fundos próprios é que poderemos continuar o processo de suporte ao desenvolvimento e de diversificação da economia angolana; no reforço do investimento no crescimento dos centros de negócio, dando especial relevo à excelência do serviço ao cliente; no reforço das áreas de assessoria técnica às empresas e às famílias; e, naturalmente, no reforço dos sistemas de informação, dos meios humanos e dos procedimentos de risco de gestão dos financiamentos à economia. São, no fundo e como facilmente se compreende, investimentos naturais para a consolidação da nossa estratégia.

BPC: Investe na expansão territorial



Paixão António Júnior
Presidente do Conselho de Administração
do Banco de Poupança e Crédito

As projecções de Paixão António Júnior para o biénio 2009/2010 são positivas. Em entrevista, avança previsões de crescimento dos activos líquidos e dos depósitos de clientes na ordem dos 17% e dos 19%, respectivamente, e anuncia a abertura de 50 novos balcões a par de investimentos na modernização das tecnologias de informação.

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e durante os primeiros meses de 2009?

As medidas tomadas pelo BNA para combater os efeitos da crise financeira e económica mundial na economia angolana, nomeadamente o agravamento do coeficiente da reserva obrigatória de 15% para 30% e as restrições no mercado cambial, afectaram, em grande medida, a evolução do sistema financeiro durante o final de 2008 e o princípio de 2009, conduzindo as instituições à imobilização de recursos elevados junto do Banco Central, o que se reflectiu na retracção do crédito e no aumento das taxas de juro.

O crescimento registado pelo BPC, quer na óptica dos depósitos quer na do crédito, manteve-se dentro dos valores e dos parâmetros previstos?

No exercício de 2008 o BPC apresentou um crescimento considerável, consubstanciado na evolução do activo líquido, que atingiu USD 4,9 mil milhões, cerca de 15% acima do valor previsto. Os recursos de terceiros superaram as metas preconizadas em cerca de 13%, beneficiando do desenvolvimento do processo de bancarização dos salários da função pública, e permitiram o aumento de 25 milhões de dólares americanos na carteira de crédito concedido, originando resultados acima dos valores inicialmente previstos.

Que impactos tiveram as medidas entretanto impostas pelo Governo e pelo Banco Nacional de Angola no funcionamento e no crescimento do Banco?

O aumento das reservas obrigatórias de 15% para 30% conduziu a uma redução substancial da liquidez dos bancos, que se viram obrigados a restringir o crédito a clientes durante os primeiros meses do ano de 2009.

Como prevê que o mercado angolano venha a evoluir em 2009 e 2010?

O mercado angolano deverá evoluir de forma moderada em 2009 e 2010 e o BPC foi obrigado a ajustar as suas metas de negócios para o biénio 2009/10. No entanto, perspectiva-se uma evolução dos activos líquidos e dos depósitos de clientes de 17% e 19%, respectivamente, para além da abertura de 50 novos balcões e a modernização da área das tecnologias de informação.

Por esta Angola que eu Amo!

O BPC acompanhou Angola na sua história. Estamos aqui para te dizer que mudámos, que nos modernizámos a pensar na tua empresa.

Porque acreditamos que os nossos valores são fiéis à nossa cultura. E a tua empresa faz parte do ritmo dos nossos dias. Porque é nosso o acreditar no amanhã. Vemos a cor com que todos os dias enches de alegria as nossas raízes. Vamos todos juntos, dar um passo em frente.

Sim! Mudámos, mas continuamos ligados à tua Empresa.



BPC

O seu banco de sempre

BDA estuda criação de participações



Teodoro da Paixão Franco
Presidente do Conselho de Administração do Banco de Desenvolvimento de Angola

Como avalia a evolução do sistema financeiro angolano ao longo de 2008 e durante os primeiros meses de 2009?

Tendo em conta a situação de periferia e de dependência petrolífera, podemos facilmente dividir a evolução da economia do país nesse período em dois grandes momentos. Ao longo de 2008, a economia angolana beneficiou de uma conjuntura internacional favorável, da subida acentuada do preço do petróleo nos mercados externos e do aumento da produção petrolífera nacional. Daqui resultaram o aumento das receitas fiscais e o consequente crescimento das reservas internacionais líquidas do país, que

atingiram os 20 mil milhões de USD em Novembro de 2008. A taxa de câmbio estabilizou em torno dos 75 Kwanzas por um USD, suportada pela forte acumulação de reservas internacionais. Neste período registou-se uma expansão moderada do crédito ao sector privado, reflectindo o dinamismo da actividade económica, em consequência do processo de estabilização macroeconómica e da melhoria do ambiente de negócios.

Observámos um crescimento sustentado dos depósitos, destacando-se o crescimento dos meios de pagamento em moeda nacional em detrimento da utilização da moeda estrangeira, o que reflecte o crescente grau de confiança dos agentes económicos no Kwanza. Este foi ainda um período marcado por elevadas taxas de juro, num contexto de elevada liquidez e de limitadas alternativas de aplicação em moeda local. Por outro lado, os primeiros meses de 2009 foram influenciados pelas mudanças bruscas do contexto internacional, designadamente pela queda do preço do petróleo. A diminuição das receitas petrolíferas provocou a redução das reservas internacionais líquidas do país, a diminuição dos investimentos públicos, a queda da taxa de juro, a redução de cambiais no mercado primário e uma menor liquidez.

De que forma a actividade do BDA foi influenciada pela crise mundial e pela diminuição do crescimento nacional?

O *funding* do BDA resulta fundamentalmente da gestão do Fundo Nacional de Desenvolvimento, que é alimentado por 55% das receitas fiscais resultantes da actividade petrolífera e 2% dos impostos resultantes da actividade diamantífera. Com a queda destas receitas, também o BDA viu os seus fundos diminuídos.

Mas temos condições para continuar a desempenhar o nosso papel, embora com as restrições e cautelas a que a conjuntura nos obriga.

Quantos projectos foram já financiados pelo BDA? Qual o montante de financiamento concedido e quais os sectores que mais beneficiaram do apoio desta instituição?

Em 2008, o BDA financiou um total de 72 projectos, dos quais 61 realizados através de operações directas, que no global receberam 84,8 milhões de USD.

Os restantes 11 projectos foram financiados através de operações indirectas, realizadas através dos bancos comerciais credenciados pelo BDA, no montante de 26 milhões de USD.

O Banco de Desenvolvimento de Angola está a estudar a criação do BDA-Participações. A nova entidade deverá vir a operar como capital de risco. Em 2008 o BDA financiou 72 projectos no valor total de 115,7 milhões de USD.

de sociedade gestora

Os financiamentos concedidos pelo BDA em 2008 totalizaram 115,7 milhões de USD. Deste montante, 58,9 milhões de USD foram canalizados para o sector da indústria e 42,6 milhões de USD para a agricultura.

Que instituições financeiras trabalham com o BDA? E qual o montante global já movimentado por estas instituições?

O BDA disponibilizou-se a assinar convenções financeiras com todos os bancos comerciais e de investimento que operam no mercado angolano. Das várias negociações resultou a assinatura de convenções com o BPC, BCI, BAI, BPA, BFA, BIC, BANC, BRK, BTA, BESA, BNI e VTB. No seu conjunto estas instituições repassaram um total de 51 milhões de USD, sendo que nem todas realizaram operações de crédito ao abrigo das referidas convenções.

Que empresários podem recorrer à ajuda e aos financiamentos do BDA?

De uma maneira geral, podem recorrer aos financiamentos do BDA todos os empresários e produtores nacionais que operam nos diferentes sectores de actividade económica, desde que estejam devidamente legalizados e o seu capital seja detido maioritariamente por angolanos. Contudo, vale a pena sublinhar que o BDA, por uma questão de coerência, não apoia projectos voltados para o sector mineiro e petrolífero, pelo facto dos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FNA), geridos pelo banco, serem oriundos desses sectores.

Como prevê que o mercado angolano venha a evoluir em 2009 e 2010?

Atendendo aos sinais de recuperação das principais economias mundiais, aos compromissos políticos já assumidos pelo Governo para o período 2009/2013, sobretudo no que diz respeito à habitação e à agricultura e à necessidade de diversificação da economia nacional, e aos esforços já realizados no sentido do incremento do investimento público, acredito que iremos registar um crescimento moderado da economia não petrolífera, embora não aos níveis registados em 2007 e 2008, mas num ritmo consentâneo com a nossa capacidade e dinâmica.

Neste novo contexto, que estratégia será adoptada pelo BDA? Prevê-se o alargamento da sua intervenção e dos seus financiamentos a novos sectores da economia?

A actuação do BDA está em consonância com as políticas estratégicas do Governo. Neste sentido, há uma tendência para alargarmos a nossa intervenção sem, contudo, perdermos o enfoque no combate ao desemprego, à fome e à pobreza, através do processo de reestruturação das cadeias produtivas. Assim, vamos continuar a apostar forte na agricultura moderna e na indústria dos materiais de construção, privilegiando os negócios com maior incorporação de valor nacional em detrimento daqueles cuja componente de importação for mais elevada.

No que diz respeito às condições de financiamento, estas continuarão a diferenciar-nos do restante mercado bancário: taxas de juro baixas, prazos de amortização dilatados e períodos de carência adequados.

Poderá o BDA vir a ter um maior envolvimento no financiamento dos projectos de investimento de média/grande dimensão?

O BDA está vocacionado para apoiar financeiramente, e não só, projectos de grande, média e/ou pequena dimensão. Contudo, temos detectado alguns constrangimentos na análise dos investimentos de maior dimensão. Os problemas surgem logo na fase de concepção e estendem-se depois à gestão do projecto, sem que da parte dos promotores haja uma resposta adequada às exigências mínimas que o BDA, enquanto instituição financiadora, lhes coloca. Uma das formas de contornar estes problemas passa por um maior envolvimento do BDA na montagem e na estruturação dos projectos de investimento de maior dimensão, que carecem, sobretudo, de parceiros de referência. O BDA pode e deve ter um papel de destaque na promoção destes investimentos. Nesta perspectiva, estamos a estudar a criação do BDA - Participações. Uma nova entidade que visa apoiar a capacitação e o desenvolvimento de empresas angolanas, através de participações societárias de carácter minoritário e transitório.

O seu Banco



em Angola.

- **120 Balcões em todo o País**
- **Mais de 620 mil Clientes**

O BFA está a crescer com Angola. Com 10 Centros de Empresas, 5 Centros de Investimento e 105 Agências em todo o País é cada vez mais fácil encontrar um BFA perto de si. É por isso que hoje servimos, com orgulho, mais de 620 mil Clientes apoiados por uma rede comercial preparada para oferecer as soluções financeiras mais competitivas que facilitem a vida dos cidadãos e das empresas.

Continuaremos a crescer com Angola, para estar cada vez mais perto de si.

Para mais informações dirija-se a qualquer Balcão BFA ou consulte www.bfa.ao





O tsunami financeiro

O ano de 2007 antecipou o que acabou por acontecer em 2008, o despoletar de uma crise financeira global, cujas ondas de choque não deixaram incólume nenhuma economia, incluindo a angolana.

O ano de 2007 antecipou o que acabou por acontecer em 2008, o despoletar de uma crise financeira global, cujas ondas de choque não deixaram incólume nenhuma economia, incluindo a angolana. A falência de alguns dos principais *players* financeiros, como aconteceu com o banco de investimento norte-americano Lehman Brothers, a falência financeira de um estado soberano, a Islândia, e as brutais injeções de capital por parte dos principais blocos económicos assinalam o carácter histórico desta crise, já comparada, por muitos analistas e economistas, à grande depressão de 1929 ou à crise pós segunda guerra mundial.

A crise financeira mundial resultou do efeito composto de uma bolha imobiliária, iniciada nos Estados Unidos mas rapidamente propagada a outras economias, assente, por sua vez, numa política monetária expansionista caracterizada pela manutenção das taxas de juro em valores historicamente baixos. A esta juntou-se a inovação financeira, que, por via da criação de diversos produtos financeiros derivados, permitiu a contínua concessão de crédito muito para além dos limites reais e prudenciais adequados. O efeito conjugado destes diferentes factores e o elevado nível de integração económica conduziu à primeira crise efectivamente global.

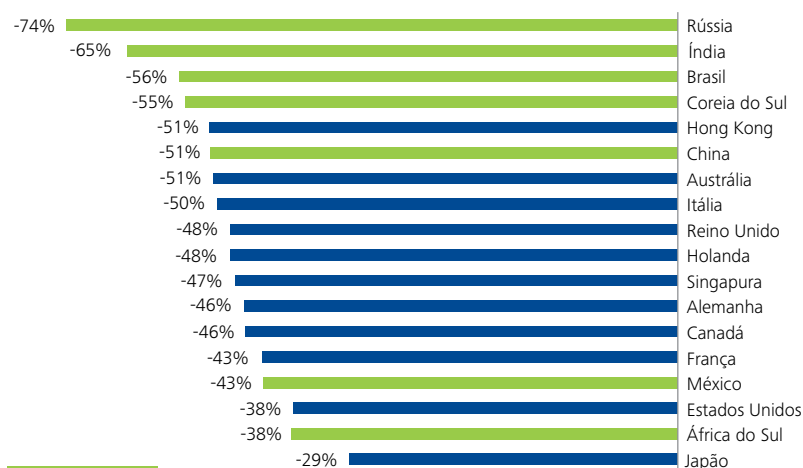
As bolsas de valores foram as primeiras a sinalizar de forma clara a chegada da crise, apresentando no decorrer de 2008 desempenhos muito negativos, com

decréscimos que variaram entre os 30% e os 75%. As bolsas de valores das economias emergentes acabaram por sofrer um impacto maior, relativamente às economias mais maduras, demonstrando a normal volatilidade que caracteriza estes mercados.

Naturalmente, a crise estendeu-se à economia real, resultando em diminuições significativas da produção industrial mundial, na quebra acentuada dos preços das *commodities* (entre as quais se encontra o petróleo) e num aumento generalizado do desemprego.

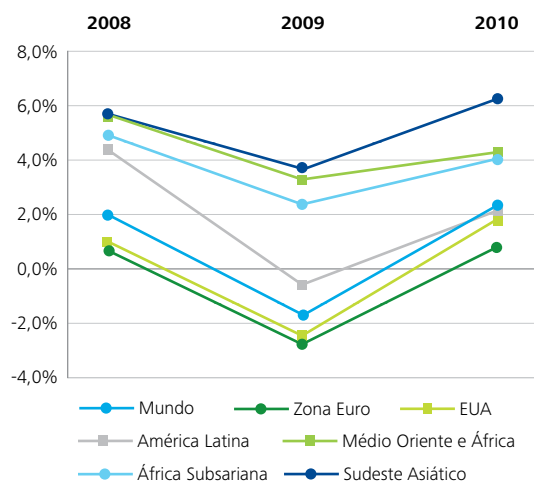
Esta crise despoletou a maior resposta estatal de sempre a uma crise com elevadas injeções de capital, com o objectivo, numa primeira fase, de evitar o colapso do sector financeiro, passando pela nacionalização de vários bancos e, numa segunda fase, de reanimar a economia e proteger empregos, como é o caso do apoio à indústria automóvel norte-americana.

Gráfico 1. Evolução das Bolsas Mundiais em 2008



Fonte: Morgan Stanley

Gráfico 2. Previsões de Crescimento do PIB

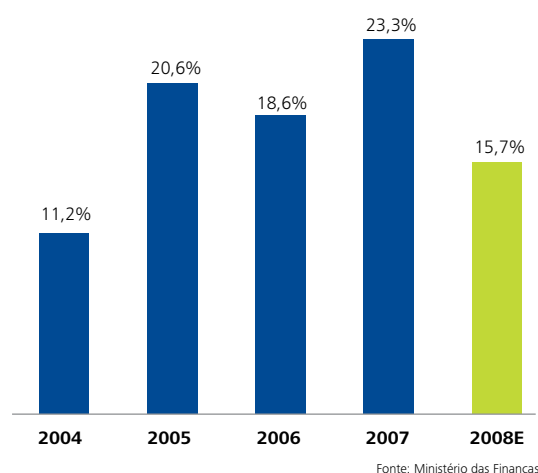


Apesar de todo este esforço conjunto, assistir-se-á no ano de 2009 a uma das maiores quedas do PIB Mundial, que, de acordo com as previsões da OCDE, irá retroceder 1,7% em relação a 2008, estando a Europa e os Estados Unidos entre os blocos económicos que maiores decréscimos sofrerão.

A crise também chegou a Angola

Naturalmente, a crise acabou por afectar a economia angolana, ainda que de uma forma mais simples e directa que outras economias. A diminuição do preço do barril de petróleo, a diminuição da produção e a respectiva quebra nas receitas petrolíferas terá como consequência em 2009 uma desaceleração acentuada da economia local. Ainda assim, 2008 foi um ano de elevado crescimento da economia angolana. O valor estimado para o crescimento do PIB em 2008 é de 15,7% que, sendo um valor inferior ao de 2007, não deixa de ser um valor muito relevante se considerarmos que é o quinto ano de crescimento consecutivo a dois dígitos.

Gráfico 3. Crescimento do PIB em Angola



Para este resultado em 2008 contribuíram os elevados valores do preço do petróleo (o valor médio durante o ano foi de 102 USD por barril, apesar da tendência decrescente a partir de Agosto de 2008) e os recordes de produção que foram batidos durante o ano (em Abril de 2008 Angola ultrapassou a Nigéria, pela primeira vez, em produção com 1,873 mbpd).

Por outro lado os baixos valores do preço do petróleo com que o ano de 2009 se iniciou, em conjugação com os cortes operados na produção, por indicação da OPEP, terão provavelmente um efeito de retracção do PIB. Esta situação vem demonstrar o imperativo da diversificação económica como forma de alcançar a estabilidade e a sustentabilidade económica.

Em 2008, a Indústria Petrolífera consolidou o seu contributo para o PIB, representando cerca de 58,3% do total do PIB, um aumento de 2,5 pp em relação a 2007. Ainda assim o sector não petrolífero cresceu 20,5%, contra 11,7% do sector petrolífero. A Agricultura e a Indústria Transformadora continuaram a ganhar importância relativa em termos de contribuição para

Esta situação vem demonstrar o imperativo da diversificação económica como forma de alcançar a estabilidade e a sustentabilidade económica.

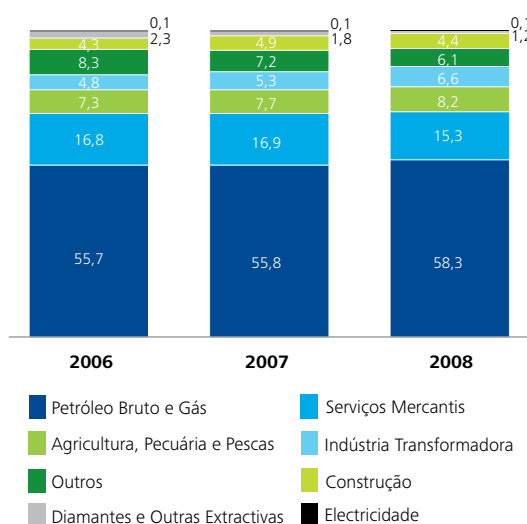
o PIB, representando 8,2% e 6,6%, respectivamente. De salientar a continuação da perda relativa de importância da indústria diamantífera, uma das indústrias mais afectadas globalmente com a crise, que em 2008 representou apenas 1,2% do PIB, quando em 2005 valia 4,3%.

Gráfico 4. Produção e Preço de Petróleo



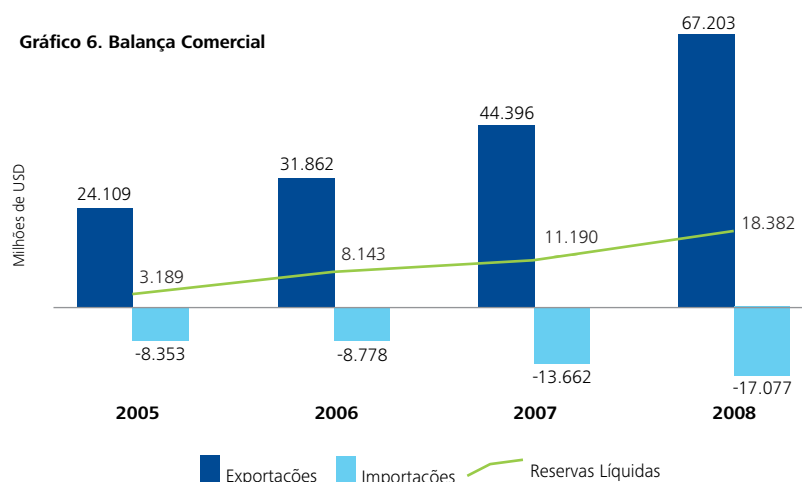
Em 2009 é igualmente esperado que a economia real se ressinta (ainda que crescendo em termos reais), dada a dependência que esta ainda tem das receitas do petróleo.

Gráfico 5. Composição do PIB (em %)



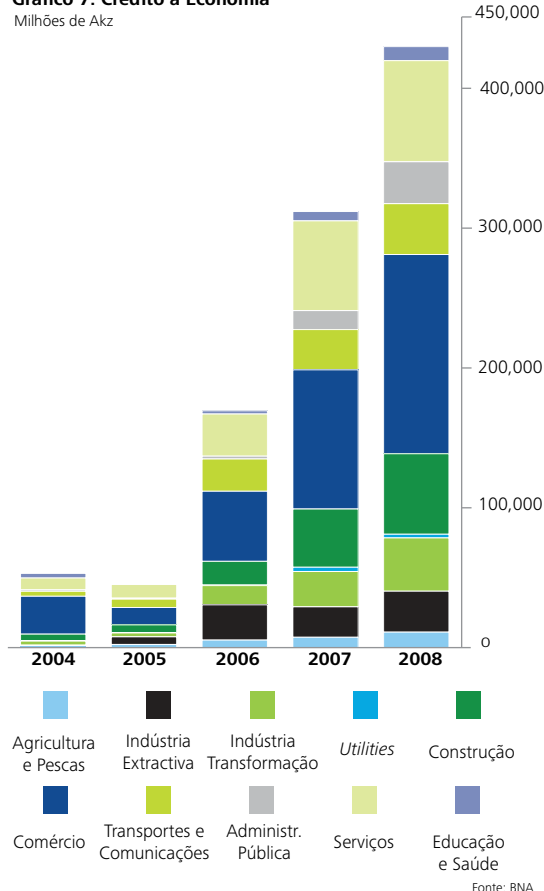
Este contexto permitiu a manutenção do excedente na Balança Comercial e a continuação do crescimento das reservas líquidas externas. O valor de reservas externas no final do ano de 2008 atingiu cerca de 18 Bilhões de USD. Assistindo-se a um aumento relevante das exportações, na ordem dos 51%, assim como das importações, ainda que com um valor de crescimento não tão alto, na casa dos 25%.

Gráfico 6. Balança Comercial



O ano de 2009 trará uma diminuição drástica das exportações, com o petróleo a continuar a representar a quase totalidade dos bens comercializados para o exterior, e uma diminuição bastante mais ligeira das importações, o que terá como consequência uma deterioração da balança comercial angolana.

Gráfico 7. Crédito à Economia



Neste contexto assistiu-se, em 2008, a um aumento considerável do crédito à economia, o qual aumentou face a 2007 cerca de 38%, passando de AKz 312 Bilhões em 2007 para AKz 430 Bilhões em 2008. Os sectores que mais recorreram ao crédito foram o Comércio, a Construção e os Serviços. Realçamos novamente o valor ainda baixo de crédito concedido ao sector agrícola e de pescas, que representa apenas 2,4% do total de crédito concedido à economia, enquanto o seu peso no PIB já atinge 8,2%.

Manutenção da inflação e aumento da massa monetária

A inflação, em 2008, manteve-se estável, com uma ligeira tendência crescente, à volta dos 13%, longe do objectivo governamental dos 10%. Em 2008 verificaram-se diferentes movimentos concorrentes para a manutenção dos valores de inflação: por um lado, a desvalorização do dólar americano durante os primeiros oito meses do ano, que naturalmente pressionou em alta as importações dos mercados europeus; por outro lado, e em particular no final do ano, assistiu-se a uma redução do preço de alguns produtos, tanto alimentares como de *commodities*, que consequentemente aliviaram a tendência inflacionista. Ainda assim, os constrangimentos estruturais existentes em termos logísticos e de transportes e a manutenção do desequilíbrio entre oferta e procura, mantiveram em 2008 uma pressão inflacionista sobre os preços.

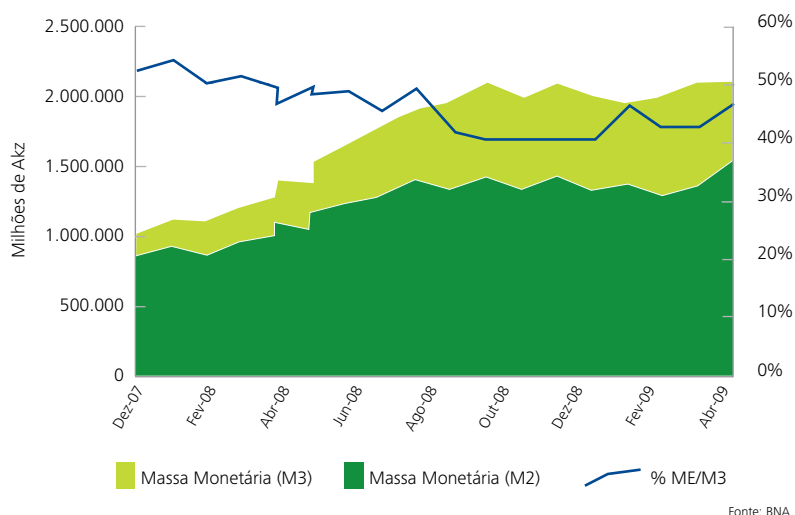
Gráfico 8. Evolução da Inflação



O crescimento da massa monetária manteve-se em 2008, tendo o indicador M3 mais do que duplicado de valor (crescimento de 104%) e o indicador M2 crescido 66%. A percentagem de moeda estrangeira na massa monetária global observou um decréscimo ao longo do ano, em particular no último quadrimestre, em que atingiu os 40,59%. Assistiu-se à manutenção da política monetária, de esterilização da liquidez na economia, através de operações de mercado aberto e de venda de divisas no mercado cambial interbancário.

Globalmente, assistiu-se à manutenção generalizada das taxas de juro, tanto as do banco central como as da banca comercial. A taxa de redesconto manteve-se inalterada, nos 19,87%. A taxa dos TBC, manteve-se à volta dos 14,5%. As taxas de juro da banca comercial, tanto passivas como activas, mantiveram-se nos mesmos níveis, com algumas oscilações naturais ao longo do ano.

Gráfico 9. Evolução da Massa Monetária



Perspectivas para 2009

O ano de 2009 iniciou-se num enquadramento de crise severa. A redução drástica da receita para o Estado angolano conduziu, apesar do esforço governamental, à redução da despesa, ao adiamento de alguns investimentos e a uma redução das reservas internacionais líquidas, que, por sua vez, precipitaram uma mini-crise monetária que teve como principal resultado uma tendência de depreciação do Kwanza face ao Dólar. Apesar de inédita nos últimos 3 anos esta tendência relembrou os agentes económicos de que a taxa de câmbio Akz-USD não é uma constante mas sim uma variável a ser devidamente gerida. O BNA adoptou medidas restritivas para tentar mitigar os efeitos desta situação e aumentou a taxa de reservas obrigatórias de 15% para 30%, com um aumento intercalar de 15% para 20%. Esta decisão teve como primeiro efeito um congelamento generalizado da concessão de crédito, assim como um aumento do seu custo. Obviamente, esta situação terá os seus efeitos na economia real.

A recuperação do preço do petróleo para o intervalo dos 60-70 USD abre uma perspectiva positiva para o futuro. No entanto, a crise financeira global e os efeitos que teve na economia angolana alteraram o contexto e as condições de mercado e fundamentalmente tornaram clara não só a necessidade de diversificar a economia como de adoptar práticas de gestão focadas na eficiência e no rigor.

O sector bancário angolano, que voltou a observar crescimentos muito relevantes em 2008, terá que adaptar-se rapidamente a este novo contexto e contribuir para o desenvolvimento de soluções que permitam não só o restabelecimento da normalidade no sector financeiro como, por arrasto, da restante economia.

Banca em Análise

Angola 2009

Preâmbulo e bases de preparação do Estudo

Nesta quarta edição do Estudo, para além da análise sobre a evolução do sector e dos diferentes bancos, incluímos os resultados de dois inquéritos efectuados aos bancos relativos às práticas de negócio, financeiras e de risco.



UMA MISSÃO
DO TAMANHO DO
MUNDO. A WORLDWIDE
MISSION. UMA MISSÃO.

TAMANHO
WORLDWIDE
MISSÃO DO
MUNDO. A



**BANCO
ESPIRITO SANTO
ANGOLA**

**BANCO
DO PLANETA**

MISSION. UMA MISSÃO
TAMANHO DO MUNDO. A
WORLDWIDE MISSION.
UMA MISSÃO DO
TAMANHO DO

**BESA.
BANCO DO PLANETA
2009.**

DISTINÇÃO ATRIBUÍDA PELA UNESCO.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

www.besa.ao



A análise do sector resulta da compilação da informação disponibilizada pelos diferentes bancos, da consolidação de uma grande variedade de dados recolhidos sobre outros mercados e da informação disponibilizada pelo Banco Nacional de Angola (BNA).

Os valores agregados do sistema, salvo quando expressamente mencionado, resultam da soma dos valores de todos os bancos considerados no estudo. Este inclui os bancos a operar em Angola durante o ano de 2008, com a excepção do Banco Quantum, bem como o BDA e VTB, cujas demonstrações financeiras de 2008 não se encontravam disponíveis à data da elaboração do presente estudo. Neste ano, iniciaram actividade o Finibanco Angola S.A., banco universal com vocação para o apoio às PME, aos particulares e ao comércio externo angolano, e o Banco Quantum, com foco na área de *investment banking*.

Deste modo, os bancos a operar em Angola em 2008 eram os constantes na Tabela 1.

Apesar dos constrangimentos originados pela crise financeira internacional, o sector financeiro em Angola registou um comportamento positivo no período em análise. O volume de crédito e depósitos cresceu em valores claramente superiores à evolução do PIB.

Tabela 1. Bancos em Angola em 2008

Sigla	Nome	Ano de início de actividade
BAI	Banco Africano de Investimentos S.A.	1997
BCA	Banco Comercial Angolano S.A.R.L.	1999
BCI	Banco de Comércio e Indústria S.A.R.L.	1991
BMA	Banco Millennium Angola	1993
BESA	Banco Espírito Santo Angola S.A.R.L.	2002
BFA	Banco de Fomento Angola S.A.R.L.	1993
BIC	Banco BIC S.A.	2005
BPC	Banco de Poupança e Crédito S.A.R.L.	1976
BTB	Banco Totta de Angola S.A.R.L.	1993
Keve	Banco Regional do Keve S.A.R.L.	2003
Novo Banco	Novo Banco S.A.R.L.	2004
Sol	Banco Sol S.A.R.L.	2001
BPA	Banco Privado Atlântico S.A.	2006
BNI	Banco de Negócios Internacional S.A.	2006
BDA	Banco de Desenvolvimento de Angola E.P.	2006
BANC	Banco Angolano de Negócios e Comércio S.A.	2007
VTB	VTB Angola S.A.	2007
Finibanco	Finibanco Angola S.A.	2008
Quantum	Banco Quantum Capital S.A.	2008

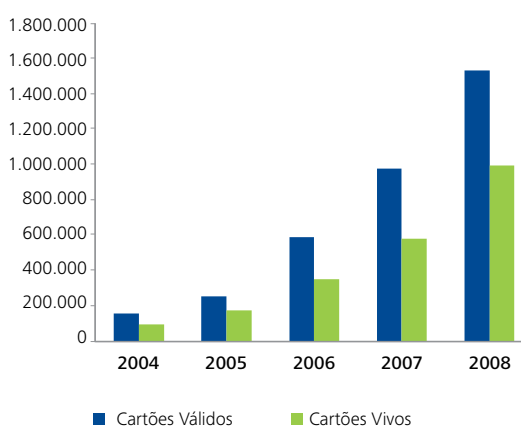
Manteve-se ainda o empenho no reforço da presença física das Instituições, através da abertura de novos balcões, verificando-se igualmente uma evolução significativa dos meios electrónicos de pagamento.

Meios electrónicos de pagamento

O número de cartões vivos (com pelo menos uma utilização desde que foi criado) incrementou perto de 72%, para cerca de um milhão de unidades.

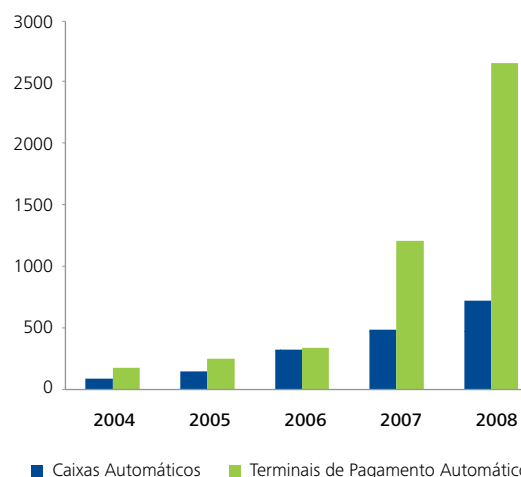
A rede de terminais teve uma evolução de igual modo significativa, com um crescimento de 47% do número de Caixas Automáticas (717 em 2008 comparativamente a 488 em 2007) e 120% do número de Terminais de Pagamento Automático (2660 em 2008 comparativamente a 1211 em 2007).

Gráfico 10. Cartões



Fonte: EMIS

Gráfico 11. Rede de Terminais



Fonte: EMIS



A evolução do número de transacções é ainda mais significativa, com crescimento em 2008 de 78% nas realizadas em Caixa Automático (ATM) e 140% nas efectuadas em Terminais de Pagamento Automático (TPA).

Gráfico 12. Transacções em ATM

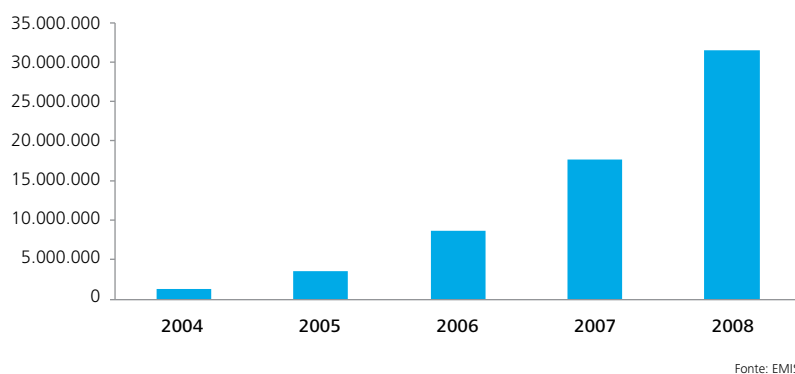


Gráfico 13. Transacções em TPA

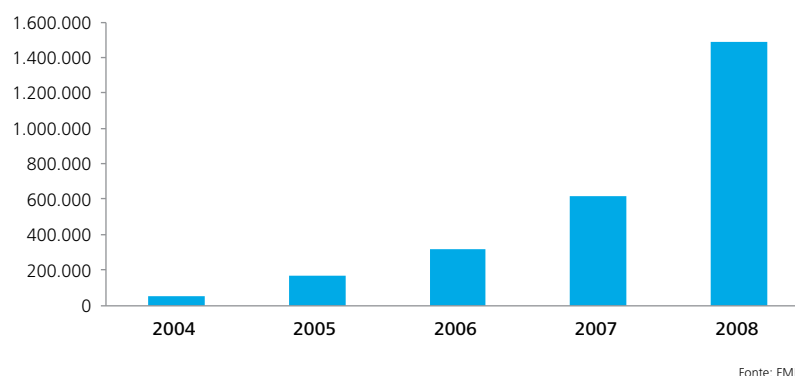
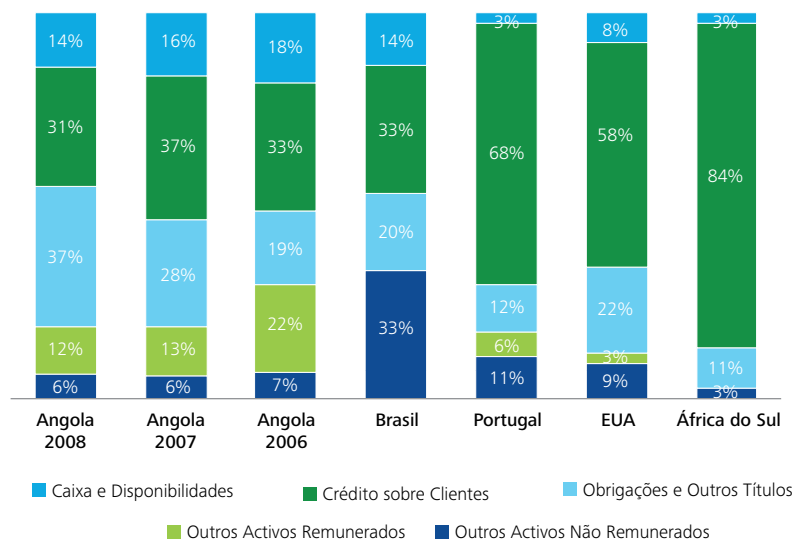


Gráfico 14. Estrutura de Activos Consolidada



Estrutura de activos consolidada

O crédito sobre clientes, embora tenha mantido um crescimento acentuado, diminuiu o seu peso na estrutura de activos, invertendo a tendência de anos anteriores. A componente de obrigações e outros títulos aumentou o seu peso relativo, resultante da forte emissão de Obrigações do Tesouro (OT), Bilhetes do Tesouro (BT) e Títulos do Banco Central (TBC), durante o ano e especialmente no 2º semestre.

Os restantes componentes apresentam um peso relativamente similar entre 2007 e 2008, podendo no entanto esta estrutura voltar a alterar-se em 2009, tendo em consideração ser sentido um abrandamento quer da emissão de dívida pública quer do crédito concedido à economia.

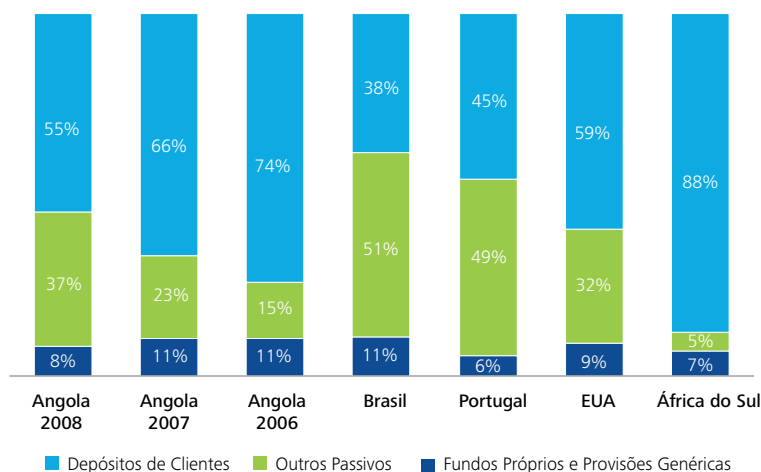
Na estrutura de financiamento do activo manteve-se a diminuição do peso dos depósitos, de 66% para 55%, em contrapartida do crescimento do peso de outros passivos, de 23% para 37%, fruto do crescimento da importância de outros instrumentos de captação de fundos de clientes, designadamente a venda de títulos com acordo de recompra, e, por outro, do crescimento de recursos de outras instituições de crédito que financiaram parcialmente o aumento dos activos.

O peso da componente de fundos próprios e provisões genéricas diminuiu ligeiramente entre 2007 e 2008 (11% para 8%), em parte explicada por uma estrutura de activos com menor risco.

Este facto é comum a outros mercados, nos quais após vários anos de crescimento do peso do crédito sobre os depósitos esta tendência se inverteu como resultado da crise financeira internacional e consequente redução do crédito concedido. De qualquer modo, e numa perspectiva mais longa do que a conjuntura actual, o sistema financeiro angolano tem ainda uma margem significativa para a concessão de crédito.

No entanto, o início do ano de 2009 foi já marcado por um efeito imediato de oscilações do volume de depósitos à ordem, o que acompanhado de um crescimento, embora mais ténue, do crédito, faz alterar o panorama do rácio de transformação.

Gráfico 15. Estrutura de Funding Consolidada

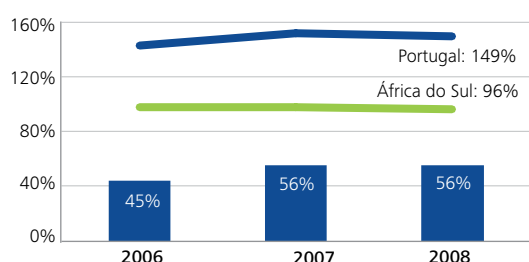


Fonte: Bancos Nacionais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

O rácio crédito líquido sobre depósitos manteve-se entre 2007 e 2008, depois de um crescimento acelerado em anos anteriores.

O rácio crédito líquido sobre depósitos manteve-se entre 2007 e 2008, depois de um crescimento acelerado em anos anteriores. Este facto tem origem no abrandamento na concessão de crédito, especialmente no 2º semestre.

Gráfico 16. Crédito Líquido sobre Depósitos



Fonte: Bancos Nacionais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

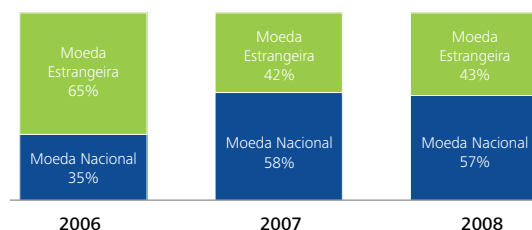
Depósitos de clientes: visão agregada

O valor total dos depósitos de clientes na banca angolana ascendeu a mais de AKz 1.427 Biliões, o que representa um crescimento de 59% face a 2007 (fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos).

A estrutura de depósitos por moeda manteve-se praticamente inalterável no que respeita ao peso da moeda nacional e da moeda estrangeira. De acordo com informação do BNA, mantém-se uma preferência por depósitos em moeda nacional, com 57% do valor total de depósitos a clientes, enquanto a moeda estrangeira representa 43%, resultado da estabilidade cambial durante o ano de 2008, aliada a taxas de juro mais atractivas em Kwanzas do que em dólares.



Gráfico 17. Estrutura de Depósitos por Moeda

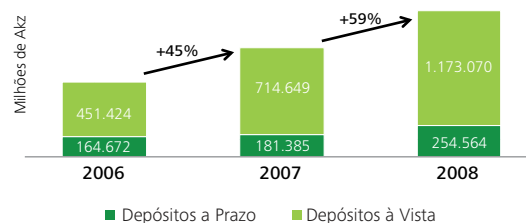


Fonte: Agregados BNA

No que respeita à composição dos depósitos de clientes, os depósitos à ordem continuam a aumentar a sua predominância face aos depósitos a prazo, representando, em 2008, 82% do total de depósitos de clientes, face aos 80% de 2007 e 73% de 2006. O valor dos depósitos à ordem situa-se acima dos AKz 1.173 Biliões, enquanto os depósitos a prazo ultrapassam os AKz 254 Biliões.

(fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos).

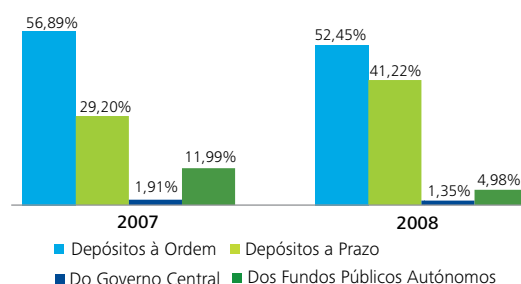
Gráfico 18. Composição dos Depósitos dos Clientes



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Em 2008 existiu também um aumento da preponderância de captação de fundos de clientes através da venda de títulos com acordo de recompra por contrapartida dos depósitos a prazo, por serem propiciadas taxas atractivas aos clientes e haver vantagens ao nível das reservas. A informação de depósitos do BNA reflecte esta realidade, traduzida no aumento da preponderância dos depósitos a prazo em cerca de 12 pontos percentuais.

Gráfico 19. Estrutura de Depósitos (BNA)



Fonte: BNA

Depósitos de clientes

Posição relativa dos bancos

Em 2008 e no que concerne aos depósitos (conceito contabilístico), a posição relativa entre os cinco maiores bancos mantém-se face ao ano anterior. O BAI com uma quota de 26,3%, o BPC com 19,6%, o BFA com 15,8%, o BIC com 14,7% e o BESA com 9,1% destacam-se a este nível.

Os cinco maiores bancos agregam no seu conjunto uma quota de mercado de quase 86%, valor superior ao do ano anterior, que se situava nos 84%.

Considerando o agregado de captação de fundos de clientes disponibilizado pelo BNA, a liderança do *ranking* pertence ao mesmo grupo de bancos, embora com alterações nas posições ocupadas. BAI, BFA, BPC, BIC e BESA apresentam quotas de 24,5%, 19,6%, 15,5%, 14,1% e 8,2% respectivamente.

Tabela 2. *Ranking* de Depósitos de Clientes

2008			2007		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BAI	26,3%	1	BAI	23,7%
2	BPC	19,6%	2	BPC	20,0%
3	BFA	15,8%	3	BFA	17,0%
4	BIC	14,7%	4	BIC	13,4%
5	BESA	9,1%	5	BESA	10,1%
6	Sol	3,2%	6	BCI	3,8%
7	BCI	2,9%	7	BTB	2,7%
8	BTB	1,9%	8	Sol	2,5%
9	Keve	1,5%	9	BPA	1,8%
10	BPA	1,4%	10	BMA	1,5%
11	BMA	1,4%	11	BCA	1,3%
12	BNI	1,1%	12	Keve	1,0%
13	BCA	0,9%	13	BNI	0,9%
14	BANC	0,19%	14	Novo Banco	0,08%
15	Finibanco	0,09%	15	BANC	0,04%
16	Novo Banco	0,08%	16	VTB	0,03%
			17	BDA	0,00%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Tabela 3. *Ranking* de Captação (BNA)

2008			2007		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BAI	24,5%	1	BAI	22,4%
2	BFA	19,6%	2	BFA	20,1%
3	BPC	15,5%	3	BPC	17,0%
4	BIC	14,1%	4	BIC	14,4%
5	BESA	8,2%	5	BESA	8,3%
6	BPA	4,6%	6	BCI	3,7%
7	Sol	3,7%	7	Sol	3,0%
8	BCI	2,6%	8	BTB	2,5%
9	BNI	1,9%	9	BNI	2,4%
10	BTB	1,5%	10	BPA	1,9%
11	BMA	1,4%	11	BMA	1,6%
12	Keve	1,1%	12	BCA	1,4%
13	BCA	0,7%	13	Keve	1,0%
14	BANC	0,3%	14	BDA	0,15%
15	Finibanco	0,10%	15	BANC	0,07%
16	BDA	0,09%	16	Novo Banco	0,07%
17	Novo Banco	0,05%	17	VTB	0,03%
18	VTB	0,02%			

Fonte: BNA

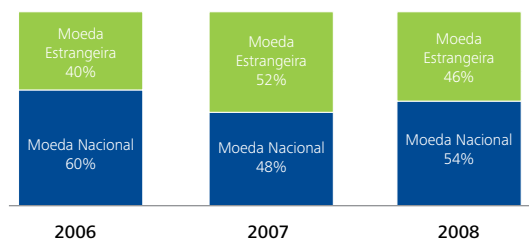
Crédito: visão agregada

O total de crédito interno no final de 2008 corresponde a AKz 1.643 Biliões (fonte: BNA), face a um valor de AKz 693 Biliões no final de 2007. Este aumento deveu-se à manutenção do crescimento do crédito a clientes e a um conjunto de emissões de dívida pública muito significativo durante o ano.

Neste contexto, a repartição do crédito total por moeda oscilou um pouco quando comparada com o ano anterior, voltando a predominar a moeda nacional, com 54% do valor do crédito, face à moeda estrangeira (46%), com menos 6 pontos percentuais.

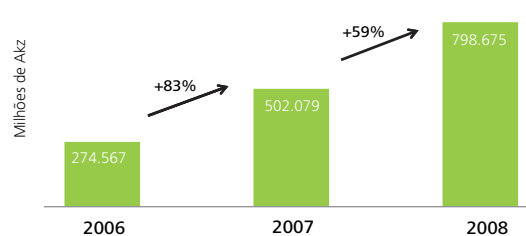
No que diz respeito ao crédito líquido a clientes, mantém-se um crescimento estável em 2008, tendo ultrapassado os AKz 798 Biliões (59% face ao ano anterior), embora reflecta algum abrandamento face à evolução de 83% em 2007 (fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos). É previsível que no actual contexto económico se acentue este abrandamento ao longo de 2009, existindo, no entanto, condições de manutenção sustentável dos níveis de crescimento a médio prazo, acompanhando as previsões de crescimento da economia.

Gráfico 20. Estrutura de Créditos por Moeda



Fonte: Agregados BNA

Gráfico 21. Crédito sobre Clientes



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Tabela 4. Ranking de Crédito a Clientes

2008			2007		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BPC	20,8%	1	BFA	21,9%
2	BAI	16,5%	2	BPC	19,8%
3	BFA	16,3%	3	BIC	18,3%
4	BIC	15,5%	4	BESA	12,6%
5	BESA	15,3%	5	BAI	12,5%
6	BNI	3,4%	6	BNI	2,6%
7	BMA	2,8%	7	BMA	2,5%
8	BTB	1,8%	8	BTB	2,3%
9	BPA	1,7%	9	BCI	2,3%
10	BCI	1,6%	10	Sol	1,8%
11	Sol	1,6%	11	Keve	1,6%
12	Keve	1,6%	12	BCA	1,1%
13	BCA	0,6%	13	BPA	0,6%
14	BANC	0,1%	14	Novo Banco	0,1%
15	Novo Banco	0,1%	15	BDA	0,03%
16	Finibanco	0,10%	16	BANC	0,02%
			17	VTB	0,02%

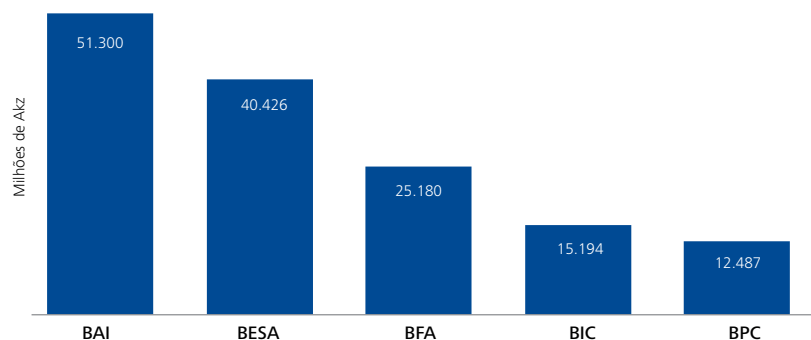
Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Crédito: posição relativa dos bancos

Ao nível do crédito a clientes, o grupo dos cinco maiores bancos mantém-se inalterado, embora com posições relativas distintas do ano anterior. O BPC com uma quota de 20,8% e crescimento de 1 ponto percentual, o BAI (16,5% e crescimento de 4 p.p.), o BFA (16,3%), o BIC (15,5%) e o BESA (15,3%) apresentam os maiores níveis de concessão de crédito. Dos restantes bancos, deverão ainda ser salientados o BNI e BPA, que atingiram 3,4% e 1,7%, respectivamente, com um crescimento de 0,8 p.p. e 1,1 p.p. na quota de mercado.

O volume de garantias prestadas tem ganho preponderância nos serviços prestados pelos bancos angolanos. Os principais bancos (BAI, BESA, BFA, BIC e BPC) apresentam, a este nível, os volumes registados no Gráfico 22.

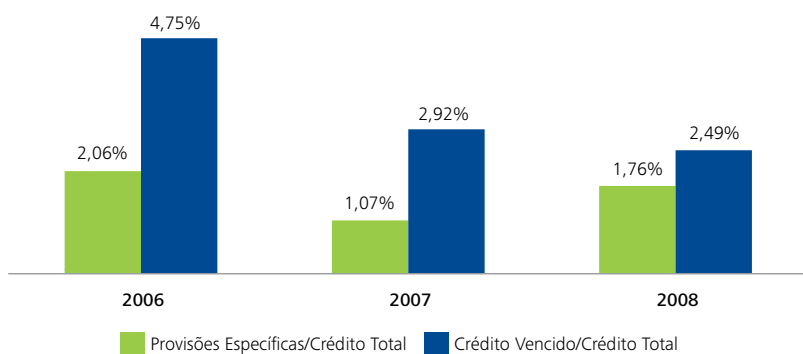
Gráfico 22. Garantias Prestadas



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

De acordo com informação do BNA, o rácio de crédito vencido sobre o crédito total decresceu entre 2006 e 2008, podendo ser parcialmente explicado pelo crescimento muito acentuado dos volumes de crédito no passado recente, devendo, no entanto, existir uma monitorização próxima no actual contexto económico. De qualquer modo, a proporção entre o nível de provisionamento e o crédito vencido cresceu em 2008 reflectindo um maior nível de cobertura deste crédito por provisões, e que seria expectável no âmbito das novas regras de provisionamento do BNA.

Gráfico 23. Provisões e Crédito Vencido



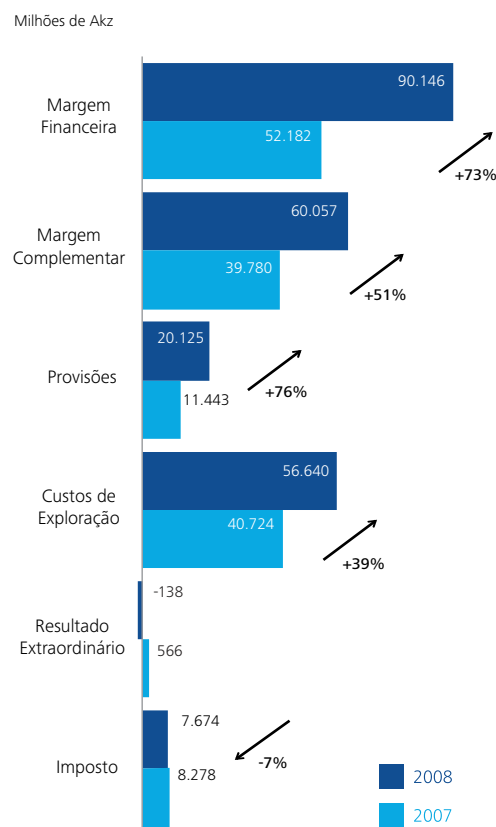
Fonte: BNA

Resultados: visão agregada

O produto bancário líquido de provisões atingiu em 2008 um valor de AKz 130 Biliões, face a um valor de cerca de 81 biliões de Kwanzas em 2007, o que corresponde a um crescimento de cerca de 60,5%. Este crescimento acompanhou sensivelmente a evolução da intermediação financeira, mantendo-se taxas de juro relativamente estáveis.

O total de resultado líquido do sector cresceu 105% (cerca de 65,6 biliões de Kwanzas em 2008 face a 32 biliões em 2007), explicado por um crescimento dos custos inferior ao crescimento do produto e à diminuição da incidência fiscal, parcialmente explicada pelo acréscimo de rendimentos não tributados, designadamente Títulos da Dívida Pública.

Gráfico 24. Componentes do Resultado



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Resultados: posição relativa por banco

Ao nível dos resultados, os lugares cimeiros também se mantiveram, apenas com uma alteração entre BAI e BIC. Neste grupo deverão ser destacados o BFA (que lidera o ranking), o BAI, BIC, BESA e BPC.



Tabela 5. *Ranking de Resultados Líquidos*

Milhões Akz

2008			2007		
Ranking	Banco	Resultado	Ranking	Banco	Resultado
1	BFA	16.847	1	BFA	7.769
2	BAI	12.451	2	BIC	6.001
3	BIC	10.584	3	BAI	5.859
4	BESA	9.060	4	BESA	5.322
5	BPC	7.288	5	BPC	3.080
6	BTB	2.085	6	BTB	1.506
7	BNI	1.880	7	BNI	1.175
8	Sol	1.597	8	BCI	632
9	BPA	1.204	9	BMA	532
10	BCI	1.189	10	Sol	457
11	Keve	1.139	11	Keve	439
12	BMA	433	12	BPA	404
13	Novo Banco	17	13	BCA	33
14	BCA	3	14	Novo Banco	-68
15	Finibanco	-34	15	BANC	-165
16	BANC	-115	16	VTB	-288
			17	BDA	-605

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Rentabilidade: visão agregada

Este crescimento acentuado nos resultados conduziu a um aumento da rentabilidade dos capitais próprios médios (ROAE), que se situou desta forma nos 41,9%, em comparação com 32,1% obtidos em 2007.

Esta performance é atingida quer por uma melhoria da rentabilidade dos activos (ROAA) originada pelos factores anteriormente mencionados, quer pelo incremento de alavancagem (Activo Total / Fundos Próprios) ou seja, uma diminuição da proporção de fundos próprios no activo de 9,1% em 2007 para 7,3% em 2008.

Tabela 6. *Indicadores de Rentabilidade*

	Angola				
	2008	2007	2006	2005	2004
Margem Financeira	4,5%	4,8%	4,2%	5,6%	6,4%
Margem Complementar	3,1%	3,7%	4,6%	3,9%	7,3%
Rentabilidade dos Activos Médios (ROAA)	3,3%	2,9%	3,1%	4,1%	3,8%
Taxa de Alavancagem	13,7	11,0	10,7	10,4	8,9
Rentabilidade dos Fundos Próprios Médios ROAE)	41,9%	32,1%	33,9%	42,5%	34,2%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Rentabilidade: posição relativa por banco

No que concerne à rentabilidade, o destaque corresponde ao BPA (69%), Banco Sol (65%), BIC (63%), BESA (57%) e BFA (48%). Adicionalmente, outros três bancos atingiram uma rentabilidade dos capitais próprios acima dos 40% (BAI, BNI e BPC).

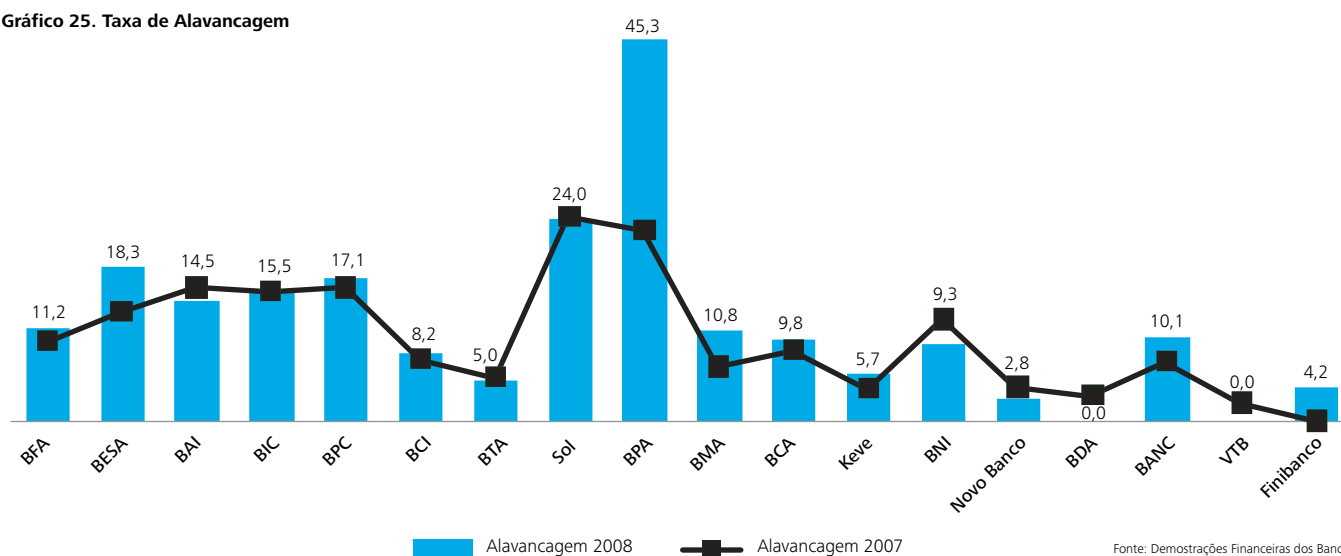
Tabela 7. Ranking de Rentabilidade (ROAE)

2008			2007		
Ranking	Banco	ROAE	Ranking	Banco	ROAE
1	BPA	69%	1	BIC	71%
2	Sol	65%	2	BESA	58%
3	BIC	63%	3	BNI	53%
4	BESA	57%	4	BPA	43%
5	BFA	48%	5	BAI	40%
6	BAI	44%	6	Sol	35%
7	BNI	42%	7	BFA	32%
8	BPC	42%	8	BPC	25%
9	BTA	25%	9	BTA	23%
10	Keve	22%	10	BMA	14%
11	BCI	15%	11	Keve	14%
12	BMA	10%	12	BCI	10%
13	Novo Banco	3%	13	BCA	2%
14	BCA	0%	14	BDA	-15%
15	Finibanco	-10%	15	Novo Banco	-18%
16	BANC	-26%	16	VTB	-116%
			17	BANC	-138%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Verifica-se de qualquer modo uma elevada correlação entre a taxa de rentabilidade e o nível de alavancagem apresentado pelos bancos.

Gráfico 25. Taxa de Alavancagem



Eficiência: visão agregada

A eficiência do sector financeiro aumentou em 2008. O indicador de custos gerais de exploração sobre o produto bancário bruto situou-se nos 37,7%, face a 44,3% em 2007.

Esta evolução significa que o crescimento do produto bancário foi superior à evolução dos custos, posicionando o nível de eficiência do sector financeiro angolano ao nível e em muitos casos superior ao de outros mercados.

Este facto advém da existência de taxas de juro e margens de intermediação superiores à da generalidade dos mercados. No entanto, deverá ser salientada a demonstração de capacidade de gestão da evolução dos custos de exploração, num contexto de elevado investimento e expansão da rede da maioria dos bancos.

Tabela 8. Indicadores de Eficiência

	Angola				
	2008	2007	2006	2005	2004
<i>Cost to Income</i>	37,7%	44,3%	47,9%	40,1%	40,2%
Custos Operacionais (% Activos)	2,9%	3,7%	4,2%	3,8%	5,5%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Tabela 9. *Cost to income* (%)

2008			2007		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BAI	28,3%	1	BAI	27,0%
2	BFA	29,6%	2	BTA	28,9%
3	BTA	31,1%	3	BFA	30,9%
4	BIC	32,0%	4	BNI	31,0%
5	BESA	33,0%	5	BIC	38,1%
6	BNI	33,8%	6	BESA	40,0%
7	Keve	41,5%	7	Keve	47,3%
8	BCI	45,1%	8	BMA	56,7%
9	BPC	47,2%	9	BPC	58,3%
10	Sol	49,6%	10	BPA	64,0%
11	BPA	59,5%	11	SOL	68,0%
12	BMA	70,3%	12	BCA	90,0%
13	Novo Banco	85,9%	13	BCI	100,3%
14	BCA	95,8%	14	Novo Banco	111,8%
15	Finibanco	115,9%	15	BDA	185,9%
16	BANC	135,7%	16	BANC	377,6%
			17	VTB	870,3%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Eficiência: posição relativa por banco

Ao nível da eficiência, deverão ser destacados o BAI, com rácio de *cost to income* de 28,3%, o BFA, com 29,6%, o BTA, com 31,1%, o BIC, com 32% e o BESA, com 33%, que apresentaram rácios muito próximos ou mesmo inferiores a 30%.

Conclusão

O ano de 2008 foi bastante positivo para o sector bancário angolano, apresentando evoluções significativas em vários domínios. No entanto, a aparência de que a severa crise internacional não se abateu sobre a economia e o sector bancário angolano é desmentida logo no início de 2009.

A maior contenção orçamental, fruto do decréscimo das receitas petrolíferas, o drástico aumento das reservas obrigatórias e a desvalorização do Kwanza face ao dólar, criaram já um conjunto de desafios que se traduzem na necessidade de uma selecção criteriosa dos mercados de actuação e gestão cuidadosa dos vários riscos, designadamente de liquidez, cambial e risco de crédito.

De qualquer modo, as perspectivas a médio prazo são animadoras pela previsão de evolução da economia, antecipando ao sector bancário um conjunto de oportunidades mas também a responsabilidade de constituir-se como um motor desse mesmo crescimento.



Parcerias e Investimentos com os Valores certos.

O saber e a experiência do BNI são a maior garantia de segurança para o sucesso e valorização dos seus negócios, sejam eles Empresariais, Profissionais ou Pessoais. O BNI tem uma equipa que, nos segmentos Banca Corporativa, Banca Privada e Banca de Investimentos, é capaz de apontar sempre as melhores opções, com produtos e serviços pensados para valorizar e solidificar ao máximo os seus Empreendimentos e Investimentos.

Tel.: 222 632900 / 222 632901 contacto@bni.ao



BNI

Banco de Negócios Internacional

Melhores profissionais
Melhores negócios

Rede
expresso24
Banco de Negócios Internacional

Demonstrações Financeiras dos Bancos

Balanços Consolidados

Demonstrações de Resultados Consolidadas

Indicadores Consolidados

Balanços dos Bancos

Demonstrações de Resultados dos Bancos



Protecção Financeira

AAAA sabe de seguros e de fundos de pensões.
AAAA sabe gerir riscos.
Os seguros da AAA protegem financeiramente as pessoas e as empresas.
Os fundos de pensões geridos pela AAA garantem a protecção financeira da velhice e da longevidade.

AAA é um mundo de protecção financeira

Em Luanda: Sede na Rua Lenine, 58 - Telefones: 222 691200 e 222 691351 - FAX: 222 691342 Agência na Av. 21 de Janeiro - Telefone: 222 691051 Agência na Praia do Bispo - Telefone: 222 691000
Brevemente em todo o País: Benguela, Cabinda, Caxito, Dundo, Huambo, Kuito, Lobito, Lubango, Luena, Mbanza Congo, Malange, Manongue, Ndalatando, Namibe, Ondjiva, Saurimo, Soyo, Sumbe, Uíge e Viana.

Balanços Consolidados (Milhões Akz)

Activo	31-12-2008	31-12-2007	31-12-2006
Caixa e disponibilidades			
Caixa e disponibilidades no Banco Central	293.581	175.817	107.540
Disponibilidades à vista sobre instituições de crédito	78.020	44.915	43.724
Outros créditos sobre instituições de crédito	317.231	170.081	185.895
Crédito sobre clientes	798.675	502.079	274.567
Obrigações e outros títulos	951.521	373.655	161.575
Outros activos e participações financeiras	166.664	81.234	58.328
TOTAL DO ACTIVO	2.605.692	1.347.781	831.629
Passivo			
Recursos de outras inst. crédito	238.448	57.138	7.423
Depósitos de clientes à vista	1.173.070	714.649	451.424
Depósitos de clientes a prazo	254.564	181.385	164.672
Outros recursos e passivos	724.460	251.197	119.088
Provisões	24.603	20.874	11.387
Fundos próprios	190.548	122.533	77.635
TOTAL DO PASSIVO E FUNDOS PRÓPRIOS	2.605.692	1.347.776	831.629

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Demonstrações de Resultados Consolidadas (Milhões Akz)

	31-12-2008	31-12-2007	31-12-2006
1. Juros e proveitos equiparados	143.081	73.144	39.523
2. Juros e custos equiparados	53.382	20.962	11.140
3. Margem financeira [1-2]	89.698	52.182	28.383
4. Margem complementar	60.505	39.780	30.734
5. Produto bancário bruto [3+4]	150.204	91.962	59.117
6. Provisões do exercício 1	20.125	11.443	5.817
7. Produto bancário líquido de provisões [5-6]	130.079	80.519	53.299
8. Custos de exploração	56.640	40.724	28.305
9. Resultados operacionais [7-8]	73.439	39.795	24.994
10. Resultado extraordinário	-138	566	1012,229
11. Resultado antes de impostos [9-10]	73.301	40.361	26.006
12. Provisão imposto sobre lucro	7.674	8.278	5.023
13. Resultado (lucro) líquido [11-12]	65.627	32.083	20.983

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Indicadores Consolidados

	Angola			
	2008	2007	2006	2005
DIMENSÃO E CRESCIMENTO				
Crescimento de depósitos a clientes	59,3%	45,4%	70,1%	64,3%
Crescimento de crédito a clientes	59,1%	82,9%	102,7%	44,0%
Crescimento dos activos	93,3%	62,1%	63,8%	47,0%
SOLIDEZ E LIQUIDEZ				
Fundos próprios/activo total	7,3%	9,1%	9,3%	9,1%
Crédito líquido a clientes sobre depósitos de clientes	55,9%	56,0%	44,6%	37,4%
Depósitos a prazo sobre depósitos totais	17,8%	20,2%	26,7%	23,3%
QUALIDADE DOS ACTIVOS				
Provisões gerais de crédito/crédito total	2,7%	3,3%	3,9%	3,9%
Provisões específicas/crédito total	2,1%	0,5%	1,3%	2,5%
Provisões de crédito/crédito total	4,7%	3,8%	5,2%	6,4%
PERFORMANCE				
Rentabilidade dos fundos próprios médios (ROAE)	41,9%	32,1%	33,9%	42,5%
Rentabilidade dos activos médios (ROAA)	3,3%	2,9%	3,1%	4,1%
Receitas líquidas de juros/activos médios	4,5%	4,8%	4,2%	5,7%
Margem complementar/activos médios	3,1%	3,7%	4,6%	3,9%
Produto bancário bruto/activos médios	7,6%	8,4%	8,8%	9,6%
PRODUTIVIDADE E EFICIÊNCIA				
Custos de exploração/produto bancário bruto	37,7%	44,3%	47,9%	40,1%
Custos de exploração/activos médios	2,9%	3,7%	4,2%	3,9%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos; BNA

Acompanhamos a sua Vida.
Crescemos com a sua Família.



Conte com o Banc
em todas as etapas da sua vida,
e da vida da sua família.



BANC

Banco Angolano
de Negócios
e Comércio

Um Banco para a Vida.

Balanços dos Bancos

2008

	BAI	BCA	BCI	BMA	BESA	BFA
Activo						
Caixa e disponibilidades						
Caixa e disponibilidades no Banco Central	76.639	3.335	11.116	8.000	25.050	46.655
Disponibilidades à vista sobre instituições de crédito	39.001	2.712	1.224	23	2.847	5.407
Outros créditos sobre instituições de crédito	166.000	21	4.874	2.549	4.535	59.285
Crédito sobre clientes	131.872	4.862	13.148	22.136	122.077	130.563
Obrigações e outros títulos	134.446	8.380	33.032	12.452	172.833	219.947
Outros activos e participações financeiras	25.288	1.960	8.333	3.229	44.785	12.166
TOTAL DO ACTIVO	573.246	21.270	71.727	48.389	372.127	474.023
Passivo						
Recursos de outras instituições de crédito	-	3.755	-	12.880	170.136	3.814
Depósitos de clientes à vista	358.538	8.387	37.482	14.235	86.603	209.446
Depósitos de clientes a prazo	17.391	4.937	3.592	5.424	43.417	15.708
Recursos de outras entidades e outros passivos	151.464	1.953	20.746	11.297	50.339	200.679
Provisões	6.266	65	1.108	68	1.273	2.035
Fundos próprios	39.587	2.173	8.799	4.485	20.359	42.341
TOTAL DO PASSIVO E FUNDOS PRÓPRIOS	573.246	21.270	71.727	48.389	372.127	474.023

Demonstrações de Resultados dos Bancos

2008

	BAI	BCA	BCI	BMA	BESA	BFA
1. Juros e proveitos equiparados	20.880	1.653	6.012	2.323	19.275	27.660
2. Juros e custos equiparados	6.771	679	1.734	930	11.011	9.664
3. Margem financeira [1-2]	14.109	974	4.278	1.393	8.264	17.996
4. Margem complementar	10.016	532	3.443	1.378	6.166	11.063
5. Produto bancário bruto [3+4]	24.125	1.506	7.721	2.771	14.430	29.059
6. Provisões do exercício	3.567	61	2.960	323	526	1.804
7. Produto bancário líquido de provisões [5-6]	20.558	1.445	4.761	2.448	13.904	27.255
8. Custos de exploração	6.826	1.442	3.484	1.947	4.758	8.597
9. Resultados operacionais [7-8]	13.732	3	1.277	501	9.146	18.658
10. Resultado extraordinário	-3	0	-58	-68	-44	162
11. Resultado antes de impostos [9-10]	13.729	3	1.219	433	9.102	18.820
12. Provisão imposto sobre lucro	1.278	0	30	0	42	1.973
13. Resultado (lucro) líquido [11-12]	12.451	3	1.189	433	9.060	16.847

Milhões de Kwanzas									
BIC	BPC	BTA	Keve	Novo Banco	Sol	BPA	BNI	BANC	Finibanco
41.219	46.557	6.318	5.426	526	10.430	7.133	4.448	442	287
13.502	8.049	656	935	373	1.242	155	1.800	86	8
25.952	20.547	2.942	3.627	-	7.385	15.254	4.016	244	-
123.506	166.500	14.760	12.631	782	13.054	13.720	27.499	789	776
127.380	78.683	20.445	7.449	133	47.242	66.513	16.846	4.304	1.436
8.879	45.219	2.391	3.034	192	3.665	3.846	2.566	662	449
340.438	365.555	47.512	33.102	2.006	83.018	106.621	57.175	6.527	2.956
11.096	17.301	3.308	2.116	145	-	4.485	9.412	-	-
166.121	191.943	20.205	17.347	688	35.825	11.725	11.399	2.645	481
43.177	87.374	6.727	3.488	383	9.449	8.387	4.261	6	843
95.234	37.984	7.220	4.096	44	34.094	79.287	25.882	3.215	926
2.779	9.538	541	274	20	184	383	57	12	-
22.031	21.415	9.511	5.781	726	3.466	2.355	6.164	649	706
340.438	365.555	47.512	33.102	2.006	83.018	106.621	57.175	6.527	2.956

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Milhões de Kwanzas									
BIC	BPC	BTA	Keve	Novo Banco	Sol	BPA	BNI	BANC	Finibanco
22.141	22.559	3.045	1.911	339	5.543	5.900	4.193	371	108
8.205	6.194	693	436	32	2.422	2.975	1.842	146	33
13.936	16.365	2.352	1.475	307	3.121	2.925	2.351	225	75
9.450	10.698	1.457	1.656	98	1.544	1.045	1.368	61	82
23.386	27.063	3.809	3.131	405	4.665	3.971	3.719	286	157
3.060	5.681	242	188	40	673	403	578	10	9
20.326	21.382	3.567	2.943	365	3.992	3.568	3.141	276	148
7.485	12.765	1.186	1.300	348	2.314	2.362	1.256	388	182
12.841	8.617	2.381	1.643	17	1.678	1.206	1.885	-112	-34
-17	-125	60	47	0	-81	-3	-5	-3	0
12.824	8.492	2.441	1.690	17	1.597	1.204	1.880	-115	-34
2.240	1.204	356	551	0	0	0	0	0	0
10.584	7.288	2.085	1.139	17	1.597	1.204	1.880	-115	-34

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Inquéritos

Práticas de Suporte ao Negócio
Função Contabilística e Financeira





Nesta quarta edição do Estudo **Banca em Análise** apresentamos uma análise do sector bancário nacional que teve por base dois inquéritos realizados junto dos bancos a operar no mercado:

- *Business & Growth Survey* – Inquérito às tendências do sector e às práticas de suporte ao negócio;
- *Finance & Risk Survey* – Inquérito às práticas da função contabilística e financeira e da gestão de risco.

Com este Estudo pretendemos apresentar a visão dos inquiridos sobre a realidade actual do sector bancário nacional e as perspectivas da sua evolução. Estamos em crer que o estudo agora disponibilizado contém informação útil para todos os agentes do sector, constituindo-se como um referencial para as áreas analisadas.

Antes de procedermos à apresentação dos principais pontos a destacar, gostaríamos de deixar uma palavra de apreço a todos aqueles que directa ou indirectamente participaram na realização deste estudo, em particular aos inquiridos de cada uma das instituições.

Business & Growth

O *Business & Growth Survey* tem como objectivo fornecer uma visão prospectiva sobre as principais tendências que vão impactar o sector bancário angolano e a forma como as instituições pretendem endereçá-las. Como eixos de análise destacamos os seguintes:

- Principais tendências do sector bancário em Angola e os seus potenciais impactos;
- Desenvolvimento do negócio (posicionamento e operacionalização);
- Suporte ao desenvolvimento do negócio (Recursos Humanos, *Marketing* e Planeamento e Controlo).

Este inquérito focou três vertentes fundamentais: bancarização, sem consolidação à vista; gestão dos clientes, através da informação e da proximidade; e sustentabilidade e controlo do mercado.

A banca angolana vai continuar a desenvolver-se nos próximos anos apostando essencialmente no retalho tradicional e sem movimentos relevantes de consolidação em vista. Os banqueiros angolanos vêem o aumento da população bancarizada como a tendência mais marcante do sector para os próximos anos. Como resposta, revêem as suas estratégias, apresentando como tónica dominante as pessoas (com reforço da qualificação e dotação), as capacidades de gestão de risco e mais e melhor informação para a gestão.

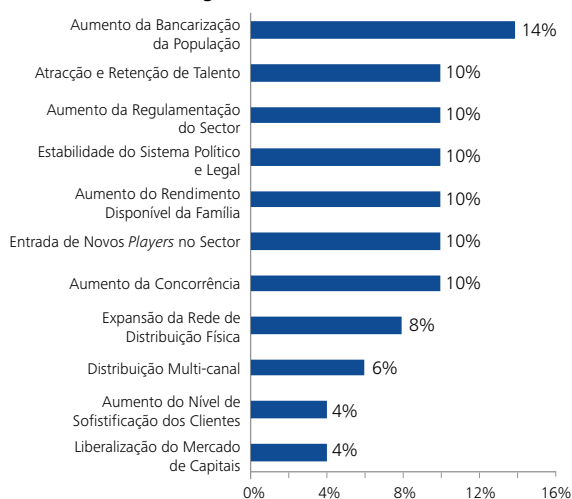
A banca de proximidade vai reforçar a sua expressão, recorrendo pouco, pelo menos no curto prazo, a elementos diferenciadores na interacção e na oferta disponibilizada aos clientes.

Neste cenário, a esmagadora maioria dos bancos são unânimes em dizer que vão continuar a investir no desenvolvimento do negócio, reconhecendo a necessidade de conhecer melhor os clientes e melhorar o controlo da execução das operações.

Bancarização sem consolidação à vista

De acordo com a informação disponível, a taxa de bancarização em Angola é bastante reduzida, rondando os 8%. Face a esta realidade, os banqueiros angolanos são peremptórios: bancarizar e adquirir clientes, através do crescimento orgânico.

Tendências que Irão Exercer Maior Influência no Sector Bancário Angolano



Impactos Previsíveis para o Sector Bancário Angolano



Adicionalmente, questões relacionadas com o enquadramento jurídico e regulamentar, atracção e retenção de talento e aumento da intensidade competitiva, completam o quadro das tendências mais marcantes antecipadas pelos inquiridos.

Survey

Para fazer face a esta evolução, as apostas de fundo dos bancos angolanos apontam com maior destaque para três áreas: reforço das competências dos colaboradores, reforço das capacidades de gestão de risco e aumento dos instrumentos e da informação de suporte à gestão.

Certa é a preferência demonstrada pelo nível de descentralização existente e pelo domínio integral das operações, estando o *outsourcing* fora dos planos da esmagadora maioria dos *players* do mercado.

Gestão dos clientes através da informação e da proximidade

Apostar num maior conhecimento do cliente é uma das necessidades mais sentidas pelos bancos angolanos. Se no segmento *corporate* a informação disponível é satisfatória, no retalho as lacunas são relevantes.

A maioria dos *players* do sector reconhece que há um défice significativo na recolha e utilização de informação no mercado de retalho, sendo que em 60% dos casos a informação que permite segmentar estes clientes é desconhecida, ou, sendo conhecida, não é incorporada na formulação das propostas de valor existentes.

Por ora está comprometido o uso de componentes que permitem maior diferenciação, mesmo as mais tradicionais, como sendo as que assentam em critérios geográficos, demográficos ou psicográficos. A consequência é a dificuldade em ajustar o valor do cliente e o correspondente nível (e custo) de serviço.

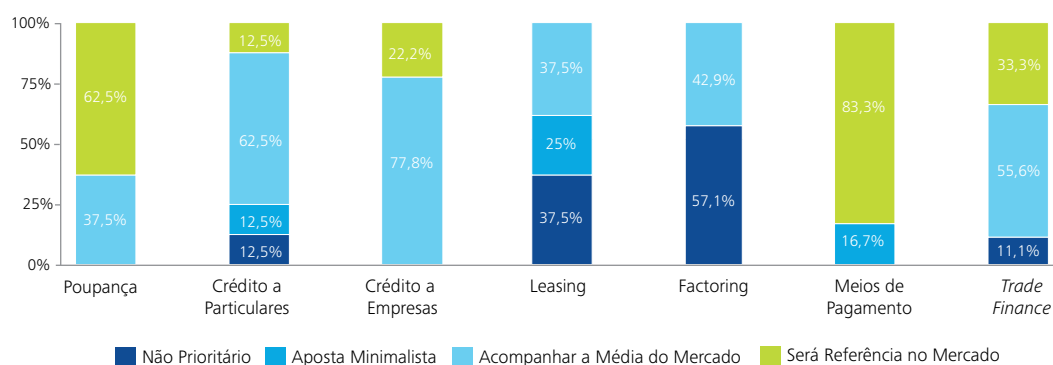


No desenvolvimento da oferta, a captação de fundos e a facilitação de pagamentos são as apostas estratégicas dominantes, sendo de esperar uma disputa acesa pela liderança do mercado.

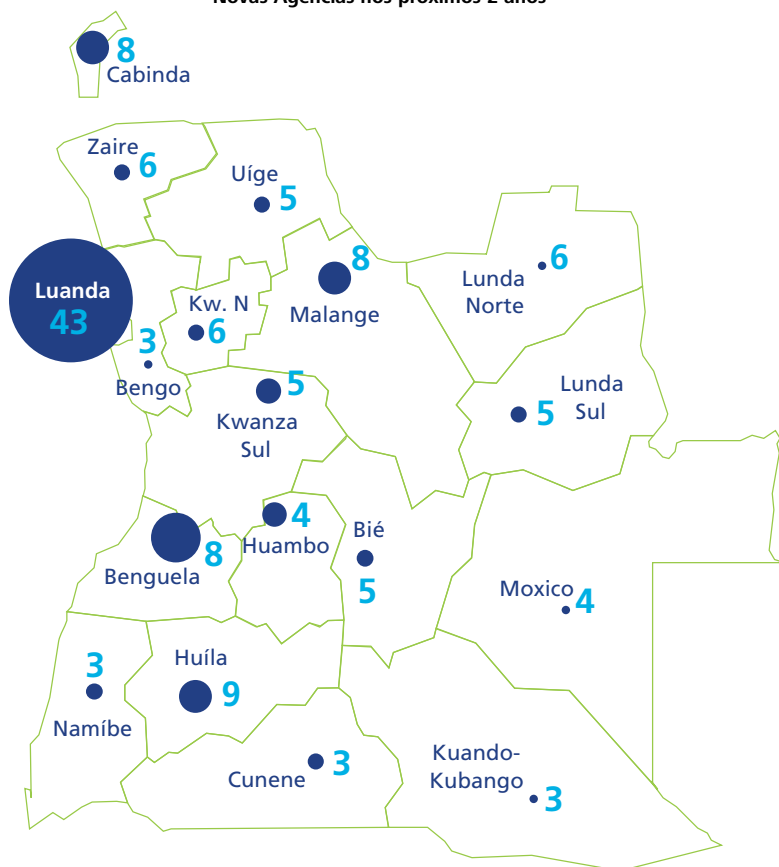
A oferta destinada ao crédito, embora estratégica, não é vista como alvo de grande aposta de diferenciação. Esta visão acentua-se no caso de produtos especializados (*leasing* e *factoring*), sendo mesmo vista actualmente como não prioritária por um número importante de Bancos.

A capilaridade constitui a aposta mais marcante dos banqueiros Angolanos nos próximos dois anos, devendo a rede física aumentar 30% face a 2008.

Linhas de Produto/Serviço que Constituem Prioridades Estratégicas



Novas Agências nos próximos 2 anos



Prevê-se a abertura de 111 novas agências em todo o território angolano, 40% das quais em Luanda e com reforço importante na Huíla, Benguela, Malange e Cabinda.

Agências e ATM's continuarão a dominar o desenvolvimento do *mix* de canais, embora a internet ocupe também um lugar cimeiro na lista de prioridades dos bancos.

Além do investimento requerido, fazer evoluir o *mix* de distribuição implica, segundo os inquiridos, vencer alguns desafios: disponibilidade de pessoas (localmente ou via política de mobilidade), gestão dos processos (centralizada e descentralizadamente) e suporte adequado ao nível dos sistemas de informação (fiabilidade e controlo).

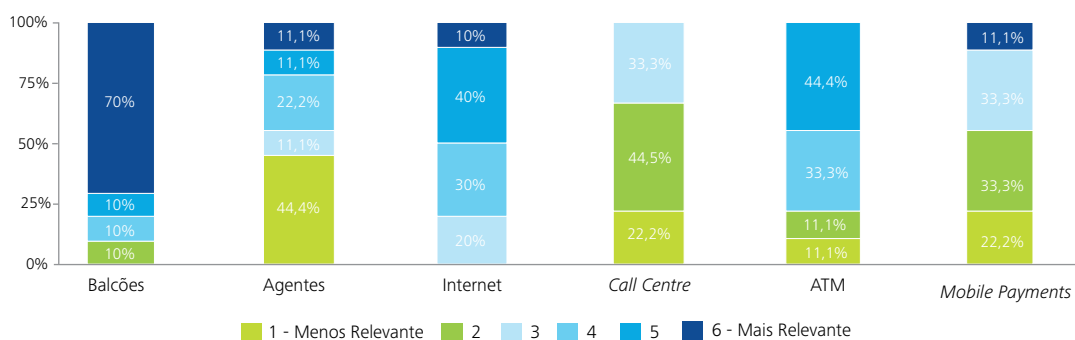
Para alguns bancos, a alternativa será a aposta em canais humanizados mas com custos controlados, como sendo o desenvolvimento de rede de agentes.

A crescente intensidade competitiva no sector é confirmada pelo crescimento do orçamento afecto à função de Marketing: 70% dos inquiridos confirmam o seu aumento nos últimos três anos e 78% antevêm o seu aumento nos próximos dois anos. Contudo, o consumo deste orçamento ainda se destina às vertentes mais tradicionais.

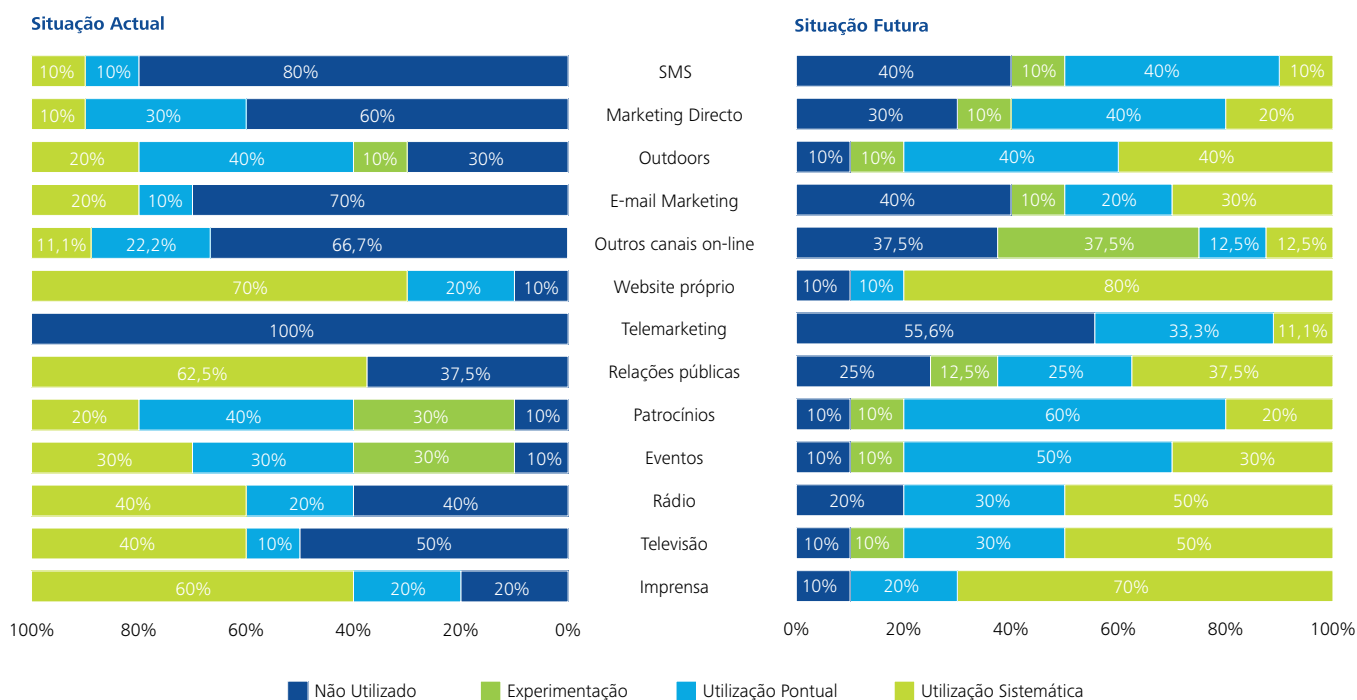
Face à necessidade de chegar a mais clientes e com maior dispersão geográfica, será reforçada a utilização de meios de comunicação de massa como a televisão, a rádio, a imprensa e os *outdoors*.

O introdução do telemarketing como meio de promoção deixa antever uma maior disputa pela fidelização e retenção de clientes, ao mesmo tempo que abre espaço para uma redução do custo por contacto.

Canais cujo Desenvolvimento Futuro é Relevante



Grau de utilização de meios de promoção de produtos/serviços
Comparação da situação actual com a estratégia futura



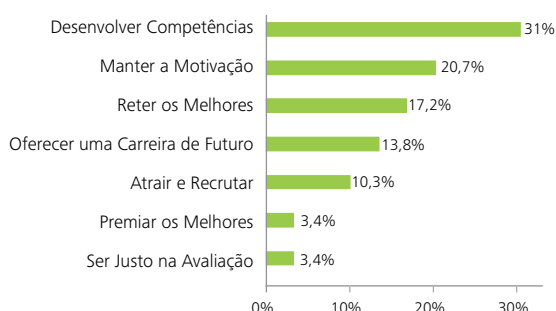
Sustentar e controlar o crescimento

Ao mesmo tempo que declaram o desígnio de crescimento, os banqueiros angolanos estão cientes do esforço requerido em áreas críticas que lhes permitirão assegurar sustentabilidade.

A gestão das pessoas, o planeamento e controlo da actividade e a gestão financeira e do risco (como veremos mais à frente nos resultados do *Finance & Risk Survey*) assumem lugares de destaque na lista das preocupações.

As opções estratégicas evidenciadas estão alinhadas com a necessidade de aumentar o quadro de pessoal do sector: a confirmá-lo estão os 80% de inquiridos que consideram ter de aumentar o número de colaboradores nos próximos dois anos.

Desafios Inerentes ao Aumento do Número de Colaboradores



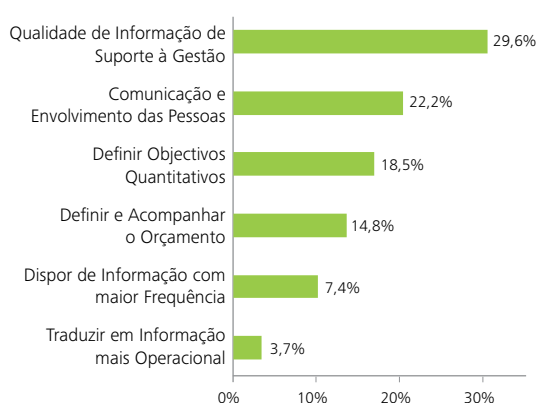
Os três desafios mais prementes na gestão do capital humano apontados pelos gestores dos bancos Angolanos são o desenvolvimento de competências, a motivação dos colaboradores e a retenção das melhores pessoas.

Num cenário de crescimento, comum à maioria dos players do sector, é de prever um aumento do esforço de qualificação, bem como da disputa por novos colaboradores. Assim, os Bancos antevêm a necessidade reforçar as suas políticas de recursos humanos, de forma a:

- Desenvolver as competências e os comportamentos necessários para assegurar o desenvolvimento do negócio, de acordo com rigorosos padrões de ética, profissionalismo e conhecimento técnico;
- Manter a motivação a níveis elevados, estimulando a performance (colectiva e individual) e o enraizamento cultural, de forma a contribuir para a realização pessoal e profissional;
- Reter os melhores colaboradores, através de mecanismos que reconheçam e premiem o mérito e facilitem o desenvolvimento, constituindo barreiras à saída.

De acordo com os responsáveis do sector, 80% das instituições dispõem de práticas de planeamento estratégico anual da sua actividade. Nalguns casos, trata-se de um processo que envolve mais que uma área da Instituição.

Eixos da Melhoria do Planeamento e Controlo da Actividade



Reconhecida a existência de planeamento é, segundo os mesmos responsáveis, necessário torná-lo:

- Mais credível, apoiado na existência de informação de base fiável e abrangente;
- Mais participado, garantindo a construção de uma visão agregadora e articulada das prioridades e, por outro lado, comprometendo as várias áreas com a sua execução;
- Mais objectivo, estabelencendo, sempre que possível, objectivos quantificados ligados à evolução do negócio e sua rentabilidade; e, por fim,
- Mais monitorizável, de forma a desenvolver uma efectiva capacidade de gestão (onde se inclui a tomada de decisões esclarecidas e em tempo útil).

Atendendo à ambição para o sector nos próximos dois anos, preconizada pelos banqueiros angolanos, fragilidades no planeamento e na posterior capacidade de controlo da sua execução tornam mais complexo o caminho que já de si é desafiante, e de cujo sucesso a nação e o povo angolanos tanto precisam.

A MELHOR OFERTA DE TELEMÓVEIS, DA NOSSA EMPRESA PARA A SUA



DRIVING MOBILITY

A AOC oferece as melhores marcas de telemóveis, o melhor atendimento e o mais completo serviço de distribuição. De forma rápida, através do call center, sem perdas de tempo, a sua encomenda de telemóveis está pronta e segura. A AOC garante também o acompanhamento pós-venda e a certeza de uma parceria duradoura e de confiança. Porque cada cliente é importante, garantimos satisfação, em todo o país e à distância de um toque. Ligue já e ligue-se a um parceiro de confiança.

AOC
DRIVING MOBILITY

Rua Rei Katiavala, 96 A Luanda | Angola
Tlm.: +244 923 996 001 | +244 912 825 003
Tel.: +244 222 445 959 Fax: +244 222 449 360
www.aocoms.com

Finance & Risk

O *Finance & Risk Survey* abordou as funções contabilística e financeira e de gestão de risco nos bancos nacionais.

No que concerne à função contabilística e financeira o estudo realizado focou-se nas seguintes áreas:

- Recursos humanos;
- Processos contabilísticos e de controlo;
- Processos ao nível da informação de gestão;
- Transição para o CONTIF.

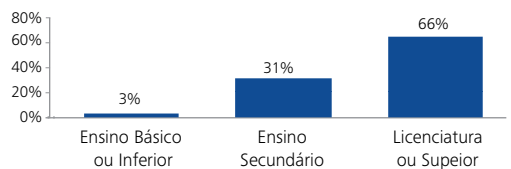
Relativamente à função de gestão de risco, o inquérito realizado centrou-se nas seguintes áreas:

- Governação e Recursos humanos;
- Risco de crédito;
- Outros riscos financeiros;
- Risco operacional.

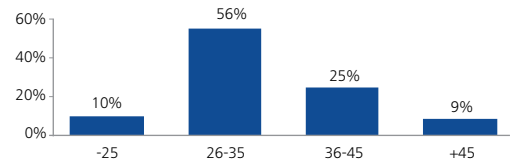
Recursos humanos

A função contabilística e financeira encontra-se actualmente suportada por colaboradores que se caracterizam maioritariamente pelo seu elevado nível de escolaridade e pela sua juventude (66% têm licenciatura ou superior e menos de 35 anos).

Percentagem Média de Colaboradores por Nível de Escolaridade



Percentagem Média de Colaboradores por Faixa Etária



Saliente-se que, face ao total dos colaboradores das instituições participantes no estudo, cerca de 2% encontra-se afecto às funções contabilística e financeira. Considerando apenas os colaboradores com funções de suporte ou não comerciais, estas funções apresentam um peso de 7% desse universo.



Survey

Processos contabilísticos e de controlo

No que concerne aos principais processos da função contabilística, a maioria dos inquiridos (70%) afirma proceder ao fecho de contas numa base mensal, sendo o controlo orçamental realizado pela maioria de forma mensal ou trimestral (82% dos inquiridos).

Note-se que a consolidação destas práticas é essencial para uma gestão efectiva da actividade, verificando-se que algumas instituições ainda apresentam uma larga margem de progressão nesta área.

Ao nível da automatização do processamento de movimentos importa referir que as instituições inquiridas consideram que já incorporam nos seus processos um elevado grau de automatização. No entanto, 45% dos inquiridos consideram que despendem excessivos recursos na preparação dos movimentos que ainda são efectuados de forma manual.

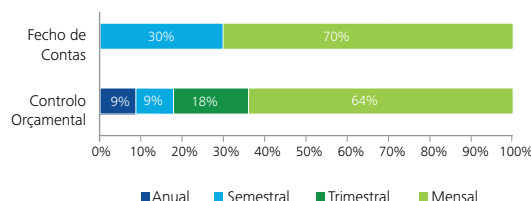
No que respeita ao nível de automatização dos restantes principais processos contabilísticos, destacam-se negativamente os processos de controlo (reconciliações e justificação de saldos) e os processos de contabilização de facturas de terceiros, com mais de metade dos inquiridos a referir a realização destes processos numa base totalmente manual.

Por outro lado, destaque positivo para os processos de apuramento de crédito vencido e de juros e comissões, com mais de 80% dos inquiridos a referir que estes processos são efectuados de forma automática, sem necessidade de intervenção humana.

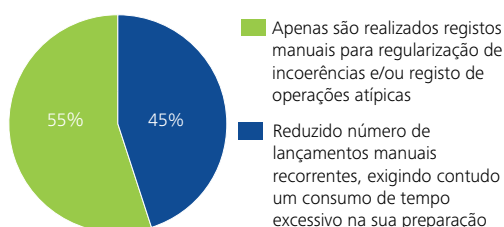
Informação de gestão

Relativamente ao grau de desenvolvimento de algumas áreas relacionadas com a informação de gestão para suporte ao negócio, destacamos que a maioria dos inquiridos revela encontrar-se insatisfeito com os processos relacionados com informação analítica - o custeio das operações e processos, o apuramento da rentabilidade pelas principais dimensões do negócio, e ao nível da contabilidade por centros de custos. Por outro lado, verifica-se que há uma apreciação muito positiva dos inquiridos para os processos ligados ao planeamento e orçamentação e aos objectivos comerciais e incentivos aos colaboradores.

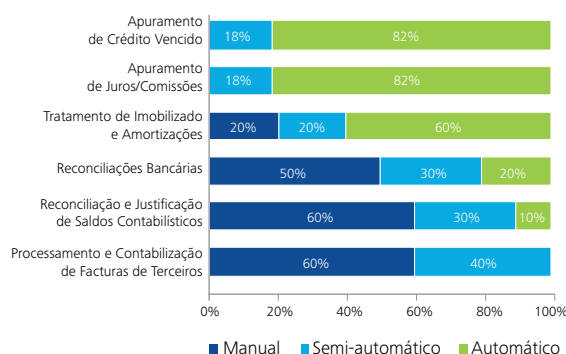
Periodicidade dos Processos



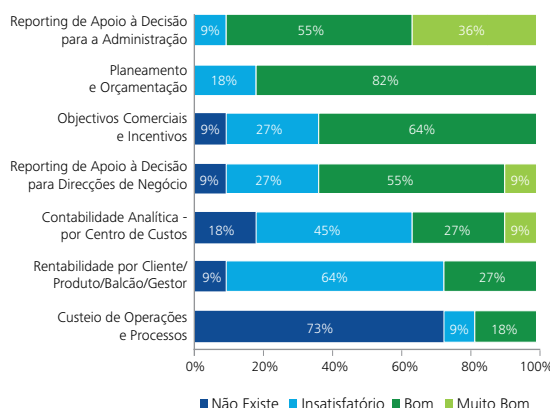
Número e Complexidade dos Movimentos Realizados Manualmente



Nível de Automatização dos Processos



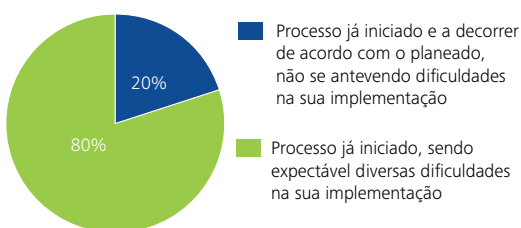
Grau de Desenvolvimento das Áreas



Transição para o CONTIF

O Banco Nacional de Angola publicou no ano passado um novo Plano de Contas (denominado de CONTIF) para as instituições financeiras, que entrará em vigor a 1 de Janeiro de 2010, e no qual foram incorporados os princípios e grande parte das normas internacionais de contabilidade. Quanto ao estágio de preparação das instituições financeiras para o CONTIF, todas referiram que já iniciaram o processo de transição, embora cerca de 80% dos inquiridos tenham referido que esperam diversas dificuldades na sua implementação. Saliente-se que nenhuma instituição referiu ter o processo já totalmente implementado.

Estágio de Preparação para o CONTIF



Na função de gestão de risco focaram-se as áreas da governação e dos recursos humanos, risco de crédito, outros riscos financeiros e o risco operacional.

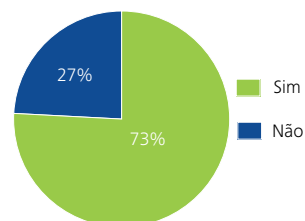
Função Risco

A função de Gestão de Risco assume uma importância cada vez maior na gestão das instituições financeiras, dada a sua relevância no âmbito da rentabilidade e solvência das instituições, bem como das iniciativas regulamentares que se sucedem a uma escala global pela importância do sector financeiro na estabilidade da economia como um todo, como provou a recente crise internacional. Ao nível regulamentar, o Banco Nacional de Angola tem emitido um conjunto de novas normas com vista, simultaneamente, ao reforço do processo de supervisão e ao incentivo aos bancos nacionais para reforçarem e sofisticarem os seus processos de gestão de risco.

Governança e recursos humanos

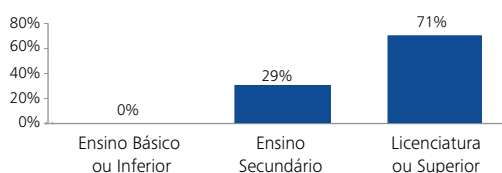
Dada a relevância da função de gestão de risco, é hoje geralmente aceite que a mesma deve ser corporizada numa ou mais unidades orgânicas independentes. Neste sentido, importa referir que cerca de um quarto dos bancos inquiridos ainda não dispõe de uma função de gestão de risco autónoma e independente.

Existência da Função Risco

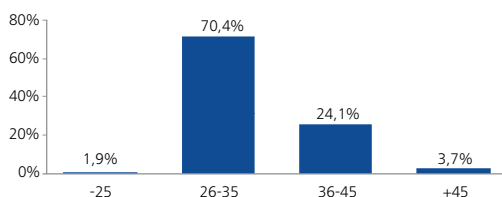


Relativamente à estrutura dos recursos humanos da função de gestão de risco esta caracteriza-se pelo elevado nível de escolaridade (71% com licenciatura ou superior) e pela juventude (72% dos colaboradores têm menos de 35 anos), em níveis ainda mais elevados do que na função contabilística

Percentagem Média de Colaboradores por Nível de Escolaridade



Percentagem Média de Colaboradores por Faixa Etária

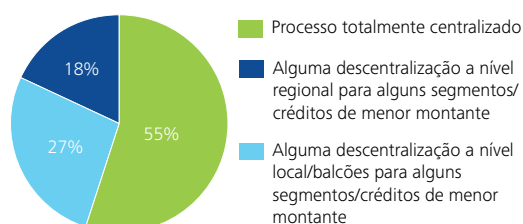


Face ao total de colaboradores das instituições inquiridas esta função apresenta um peso de cerca de 4%.

Risco de crédito

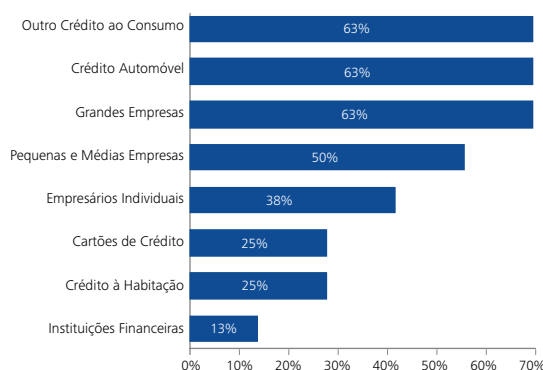
No enquadramento actual do sector, caracterizado por uma expansão intensiva da rede bancária, importa salientar que a maioria das instituições apresenta um processo de gestão do risco de crédito totalmente centralizado ao nível da decisão das operações de crédito, tal como referenciado por 55% dos inquiridos.

Nível de Descentralização do Processo de Decisão de Operações de Crédito



Uma maior descentralização dos processos de concessão de crédito apenas poderá ser possível com a existência de mecanismos mais eficazes de análise de risco e de validação e controlo da informação.

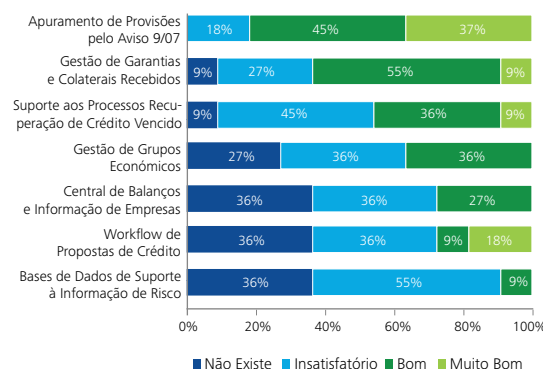
Modelos de Scoring/rating Suporte à Análise do Risco de Crédito



A este respeito, importa salientar que os bancos inquiridos referem a elevada utilização de modelos de *scorings* e *ratings* para suporte à decisão em alguns dos segmentos, com particular incidência para os segmentos Crédito Automóvel, Crédito ao Consumo e Grandes Empresas.

Ao nível da gestão do risco de crédito, concretamente ao nível do desenvolvimento das áreas de suporte à gestão do risco de crédito, importa salientar que a quase totalidade dos inquiridos referiu a sua insatisfação ou inexistência de bases de dados de suporte à informação de risco. Adicionalmente, uma larga maioria referiu as insuficiências sentidas ao nível de processos importantes como sejam os de *workflow* de propostas de crédito e a gestão da informação relacionada com as empresas, incluindo a vertente de gestão de grupos económicos.

Grau de Desenvolvimento das Áreas de Suporte à Gestão do Risco de Crédito



Por outro lado, destaque positivo para os processos relacionados com o apuramento de provisões de acordo com o Aviso 9/07 (entretanto substituído pelo Aviso 4/2009 de 18 de Junho que apresenta ligeiras alterações), com apreciação positiva de mais de 80% dos inquiridos, o que é de assinalar face ao elevado grau de exigência da nova legislação.

Outros riscos financeiros

Quanto aos restantes riscos financeiros – riscos de mercado, taxa de juro, cambial e liquidez – verifica-se que actualmente os bancos sentem-se essencialmente expostos ao risco cambial.

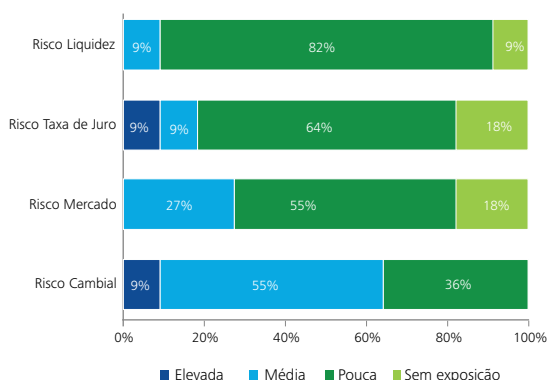
A perspectiva dos inquiridos quanto à evolução deste risco e dos restantes encontra-se direccionada para uma redução da exposição das suas instituições a todas as classes de risco. Esta alteração passa, segundo os inquiridos, pelo reforço das capacidades internas de gestão destes riscos em cada instituição.

Risco operacional

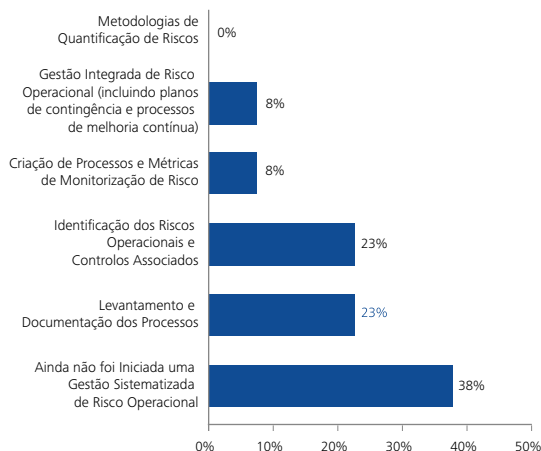
O risco operacional é, sem dúvida, um dos riscos mais relevantes para a actividade bancária. Apesar da legislação actual ainda se encontrar centrada na importância do sistema de controlo interno, é expectável que, à semelhança do risco de crédito, possa ser regulamentada nova legislação com o intuito de reforçar os mecanismos de gestão do risco operacional, em linha com as orientações internacionais de Basileia II.

Neste âmbito, verifica-se que um número elevado das instituições ainda não iniciou uma gestão sistematizada do risco operacional, tal como evidenciado por 38% dos inquiridos, sendo que 46% referiram já se encontrar numa fase de levantamento de processos e/ou identificação dos riscos operacionais e controlos associados.

Exposição Actual



Maturidade de Gestão do Risco Operacional



Ficha Técnica

O estudo da Deloitte sobre as práticas de negócio, financeira e de risco foi suportado com o preenchimento de dois questionários disponibilizados aos 19 Bancos a operar em Angola no ano de 2008. Os questionários encontram-se divididos em diversos itens, tendo como objectivo proceder à caracterização de cada uma das práticas supracitadas, nomeadamente:

- **Business & Growth Survey 2009**
- Identificação das principais tendências que irão exercer maior influência no sector bancário angolano, bem como os principais impactos e estratégias a adoptar pelas instituições financeiras;
- Análise dos principais aspectos relacionados com o desenvolvimento de negócio, designadamente critérios

de segmentação, canais de venda, meios de promoção, entre outros;

- Identificação das boas práticas e oportunidades de melhoria em três áreas: Recursos Humanos, Marketing & Planeamento e Controlo de Gestão.
- **Finance & Risk Survey 2009**
- Identificação do grau de desenvolvimento das principais áreas de suporte à função contabilística e financeira;
- Caracterização da função de risco das instituições, nomeadamente no que concerne às vertentes de organização, modelos de análise e sistemas de informação.

Durante os meses de Junho e Julho a Deloitte procedeu à realização de reuniões para recolha e esclarecimento de dúvidas, tendo participado neste estudo 12 entidades.



Angola

Na rota do futuro com o sistema de pagamentos Multicaixa.

Funcionalidades da Rede MULTICAIXA

1. Levantamento de Numerário
2. Consulta de Saldo
3. Consulta de Movimento
4. Consulta de IBAN
5. 2ª Via do Talão
6. Pagamento de Serviços
7. Serviço Especial de Pagamento de Facturas
8. Alteração do Código Secreto (PIN)
9. Venda de Recargas Telefónicas
10. Carregamento Directo de Contas Telefónicas
11. Transferências Bancárias
12. Pedido do Livro de Cheques
13. Apresentação Electrónica de Facturas
14. Publicidade em Caixa Automático



GEMIS
empresa interbancária de serviços s.a.r.l.

OPERADOR DO
 **MULTICAIXA**
e Processador Visa em Angola

Esta publicação contém apenas informação geral, pelo que nem a Deloitte Touche Tohmatsu, nem qualquer das suas firmas membro, respectivas subsidiárias e participadas, estão através desta publicação, a prestar serviços de auditoria, consultoria fiscal, consultoria ou corporate finance, aconselhamento legal, ou outros serviços profissionais ou aconselhamento. Esta publicação não substitui tal aconselhamento ou a prestação daqueles serviços profissionais, nem a mesma deve ser usada como base para actuar ou tomar decisões que possam afectar o vosso património ou negócio. Antes de tomarem qualquer decisão ou acção que possa afectar o vosso património ou negócio, devem consultar um profissional qualificado.

Em qualquer caso, nem a Deloitte Touche Tohmatsu, nem qualquer das suas firmas membro, respectivas subsidiárias ou participadas serão responsáveis por quaisquer danos ou perdas sofridos em resultado de acções ou tomadas de decisão somente com base nesta publicação.

A Deloitte presta serviços de auditoria, consultoria fiscal, consultoria, corporate finance a clientes nos mais diversos sectores de actividade. Com uma rede, globalmente ligada, de firmas membro, em 140 países, a Deloitte combina competências de classe mundial com um conhecimento local profundo para ajudar os seus clientes a ter sucesso onde quer que operem. Os 165.000 profissionais da Deloitte empenham-se continuamente para serem o padrão da excelência.

Os profissionais da Deloitte estão unidos por uma cultura de colaboração que promove a integridade, o compromisso com os outros, a excelência no valor acrescentado ao cliente e a força da diversidade cultural. Desfrutam de um ambiente de aprendizagem contínua, experiências desafiantes e oportunidades de carreira enriquecedoras.

Os profissionais da Deloitte empenham-se para fortalecer a responsabilidade corporativa, para construir a confiança do público e para gerar um impacto positivo nas respectivas comunidades.

A expressão Deloitte refere-se à Deloitte Touche Tohmatsu, uma Swiss Verein, ou a uma ou mais entidades da sua rede de firmas membro, sendo cada uma delas uma entidade legal separada e independente. Para aceder à descrição detalhada da estrutura legal da Deloitte Touche Tohmatsu e suas firmas membro consulte www.deloitte.com/about.

A menor distância entre oportunidade e sucesso.



Investimos em si.

Com 66 balcões em Angola, e também presente em Portugal, com o BAI Europa, em Cabo Verde com o BAI Cabo Verde e com parcerias que asseguram negócios BAI em S.Tomé e Príncipe e no Brasil, o BAI é hoje um banco dinâmico com recurso às mais modernas tecnologias. Prestando particular atenção à eficiência e personalização na abordagem do mercado, o BAI trabalha para ser um parceiro indispensável do seu negócio. Estamos atentos às necessidades do segmento de Particulares e oferecemos soluções inovadoras para apoiar as PME's (Pequenas e Médias Empresas) sem deixarmos de constituir referência incontornável entre os maiores grupos empresariais de Angola. No BAI, você encontra a solidez, o conhecimento do mercado e a visão internacional que todo o investidor procura.

BAI. O melhor parceiro para investir em Angola.



Banco Africano de Investimentos, SA
Rua Major Kanhangulo, 34, PO Box 6022
Luanda - REPÚBLICA DE ANGOLA
Tel.: +244 222 693800 . Tel.: +244 222 693892
Tel.: +244 222 693877 . Fax: +244 222 393782
Email (Corporate Banking): bai.empresas@bancobai.ao
Email (Retail Banking): bai.particulares@bancobai.ao

www.bancobai.ao

Banco BAI Europa, SA
Av. António Augusto Aguiar, 130 - 7º
1050-020 - Lisboa - PORTUGAL
Tel.: +351 21 3513750
Fax: +351 21 3513757

Banco BAI Cabo-Verde, SA
Ed. Santa Maria r/c
Chão de Areia - Praia
459, Santiago - CABO VERDE
Tel.: +238 260 230 0
Fax: +238 260 172 6
Email: bai@bancobai.cv

www.bancobai.cv



BANCO AFRICANO DE INVESTIMENTOS



Visão clara.



A expressão Deloitte refere-se à Deloitte Touche Tohmatsu, uma Swiss Verein, ou a uma ou mais entidades da sua rede de firmas membros, sendo cada uma delas uma entidade legal separada e independente. Para aceder à descrição detalhada da estrutura legal da Deloitte Touche Tohmatsu e suas firmas membros consulte www.deloitte.com/about.

A member firm of Deloitte Touche Tohmatsu.

© 2009 Deloitte Consultores, S.A.

Deloitte.